



ACADEMIA MILITAR

**A Guerra Civil na Síria:
Subsídios para uma compreensão do seu impacto global**

Autor: Aspirante de Infantaria Paulo Manuel Duarte Sabino

Orientador: Professora Doutora Teresa Manuela Rebelo Fernandes de Almeida e Silva

Coorientador: Capitão de Infantaria Pedro Daniel de Barros Gonçalves Meneses

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2018



ACADEMIA MILITAR

**A Guerra Civil na Síria:
Subsídios para uma compreensão do seu impacto global**

Autor: Aspirante de Infantaria Paulo Manuel Duarte Sabino

Orientador: Professora Doutora Teresa Manuela Rebelo Fernandes de Almeida e Silva

Coorientador: Capitão de Infantaria Pedro Daniel de Barros Gonçalves Meneses

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2018

EPÍGRAFE

*“Viver não custa.
O que custa é saber Viver!”
(Vitor Manuel)*

DEDICATÓRIA

Ao meu avô António José Duarte, pelo exemplo de Homem.

Ao meu pai Vítor. Pela luta, sacrifício, dedicação e trabalho árduo. Pela serenidade, calma e paciência na dúvida, na incerteza e nos momentos mais difíceis em que desistir seria o mais fácil. Pela humildade da alegria e da tristeza no anonimato.

À minha mãe Piedade, por todo o amor, entrega e apoio, pela preocupação constante e por me ensinares o valor do servir.

À minha irmã Ana, por mais que a vida te troque planos, sem sequer pedir, sabes sempre surpreender e ser feliz. Também pelo teu exemplo de entrega aos outros e pelo teu amor à Vida.

Ao meu irmão João. Pelo discernimento. Pelos valores. Pela razão. Pela curiosidade do saber, do querer ser mais e melhor. Pelo exemplo.

Ao meu irmão Jorge. Pela luta. Pelo sacrifício. Pela dúvida. Pela procura da verdade. Pelo medo e incertezas que nos fazem perceber que a vida só tem valor quando partilhada. Pela entrega e pelo serviço aos outros.

Ao meu grande amigo Mário de Sousa. Por ser a presença de Deus na minha vida. Pela disponibilidade para ouvir. Pelos momentos de dúvida e inquietação. Por não ter medo de dizer o que custa ouvir, mas que tanto me faz crescer.

Ao meu grande amigo Filipe Silva. Por ser um companheiro dos bons e maus momentos. Pela partilha. Pela sinceridade. Pela alegria da Fé.

Ao meu grande amigo João Zeferino. Por todos os momentos de conversa, de riso e palhaçada. Pela amizade genuína.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a minha formação enquanto pessoa.

Agradeço a todos os professores, instrutores e educadores com que tive a oportunidade de me cruzar, desde a Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, ao Corpo Nacional de Escutas, até à Academia Militar.

Agradeço à Academia Militar, pela formação académica, militar e cívica. Certamente que desta grande casa levarei conhecimento, valores e experiências que me guiaram para toda a vida.

Agradeço aos meus camaradas do Curso Tenente General Bernardim Freire de Andrade, em especial aos da arma de Infantaria. Por terem sido os fiéis companheiros deste percurso de trabalho e principal apoio nas dificuldades.

Agradeço à Professora Teresa, pela disponibilidade e simpatia com que sempre me recebeu e se disponibilizou a esclarecer qualquer dúvida.

Agradeço em especial ao Capitão Pedro Meneses. Pelo apoio, disciplina e rigor com que impôs um ritmo de trabalho que permitisse a conclusão desta tarefa. Agradeço pelo tempo pessoal dedicado a este trabalho e pela partilha de ideias que nos abrem horizontes.

Agradeço à Associação Candeia e a todos os que nela deixam um pouco de si. Agradeço pelos momentos de entrega e partilha. Acima de tudo, agradeço à Candeia a “Alegria de Acreditar”.

RESUMO

Tendo como principal objectivo contribuir para a clarificação de algumas das razões que determinam que a Guerra Civil Síria tenha um impacto global, esta investigação utiliza o método hipotético-dedutivo para assim melhor contribuir para a sua prossecução.

Posto isto, o estudo desenvolvido subordina-se à questão central — Em que medida a Guerra Civil Síria tem um impacto global? — que, por si só, não é suficiente para a condução da investigação, pelo que foram posteriormente levantadas questões derivadas e hipótese de investigação.

A Guerra Civil Síria, é um conflito que surge no seguimento do fenómeno da Primavera Árabe. No seguimento destes ideais revolucionários com origem no Médio Oriente, o Estado Sírio viu-se perante uma onda de manifestações que exigiam a queda do regime de Bashar al-Assad. Inicialmente pacíficas, as manifestações rapidamente assumiram dimensões violetas que se alastraram por toda a Síria. Desta forma, iniciou-se um conflito armado entre duas partes em confronto: as forças leais ao regime de Assad; as forças de oposição ao regime.

A Síria detentora de elevada importância dada a sua localização geográfica, riqueza em recursos fósseis e dada as suas características populacionais étnicas e religiosas é um Estado no qual actores externos procuram satisfazer os seus interesses para a região. Localizada no Médio Oriente, a Síria, é um Estado que materializa uma região de ligação entre o continente Europeu, Asiático e Africano. Apesar disto, há ainda a acrescentar a ligação deste Estado ao Mar Mediterrâneo. Desta forma, a Síria apresenta um determinante valor geoestratégico. Valor este que associado à riqueza em recursos fósseis faz com que potências externas se envolvam no conflito através do apoio às forças em confronto directo. Exemplo disto é o caso de potências como os Estados Unidos da América e da Federação Russa. Os Estados Unidos da América, que pretendem manter-se como os principais actores do Sistema Internacional, pretendem que o regime de Bashar al-Assad seja deposto. Desta forma, será então possível aos Estados Unidos da América instaurar um Estado democrático sob influência norte-americana, garantindo assim a satisfação dos seus interesses na região. Por sua vez, a Federação Russa pretende assegurar a manutenção do regime de Bashar al-Assad. Com a continuação do actual regime no poder, a Federação Russa vê asseguradas as suas bases militares, nomeadamente Tartus – uma importante base naval que garante o acesso russo ao Mar Mediterrâneo. Posto isto, inerente à continuação

do regime de Assad no poder está a necessidade de a Federação Russa se reafirmar como potência global. Assim, e dadas as consequências económicas, políticas e militares que este conflito obtém em actores externos à Síria, verifica-se que a Guerra Civil Síria tem um impacto à escala global.

Palavras-Chave: Síria, Guerra Civil, Conflito, Federação Russa, Estados Unidos da América

ABSTRACT

Having as main objective to contribute to the clarification of some of the reasons that determine that the Syrian Civil War has a global impact, this investigation uses the hypothetico-deductive method to better contribute to its continuation.

Given this, the study developed is subordinate to the central question — To what extent does the Syrian Civil War have a global impact? — which, in itself, is not sufficient for the conduct of the investigation, so that secondary questions were subsequently raised and an investigation was made.

The Syrian Civil War is a conflict that arises in the wake of the Arab Spring phenomenon. In the wake of these revolutionary ideals of Middle Eastern origin, the Syrian state faced a wave of demonstrations calling for the fall of the Bashar al-Assad regime. Initially peaceful, the demonstrations rapidly assumed violent dimensions that spread throughout Syria. In this way, an armed conflict began between two parties in confrontation: the forces loyal to the Assad regime; the forces of opposition to the regime.

Syria, which has a high importance given its geographical location, rich in fossil resources and given its ethnic and religious population characteristics, is a state in which external actors seek to satisfy their interests for the region. Located in the Middle East, Syria, is a state that materializes a region of connection between the European, Asian and African continent. In spite of this, there is still to be added the connection of this State to the Mediterranean Sea. In this way, Syria has a decisive geostrategic value. This value, associated with wealth in fossil resources, causes external powers to engage in conflict by supporting forces in direct confrontation. An example of this is the case of powers such as the United States of America and the Russian Federation. The United States, which intends to remain the main players in the International System, wants the Bashar al-Assad regime to be deposed. In this way, it will then be possible for the United States of America to establish a democratic state under US influence, thus ensuring the satisfaction of its interests in the region. For its part, the Russian Federation intends to ensure the maintenance of the Bashar al-Assad regime. With the continuation of the current regime in power, the Russian Federation is assured of its military bases, notably Tartus - an important naval base that guarantees Russian access to the Mediterranean Sea. That said, inherent in the continuation of Assad's regime in power is the need for the Russian Federation to reaffirm itself as a global power. Thus, given the economic, political and

military consequences that this conflict has on actors outside Syria, the Syrian Civil War has an impact on a global scale.

Key Words: Syria, Civil War, Conflict, Russian Federation, United States of America

ÍNDICE

EPÍGRAFE.....	I
DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
RESUMO.....	IV
ABSTRACT	VI
ÍNDICE.....	VIII
ÍNDICE DE FIGURAS	XI
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	XII
INTRODUÇÃO	1
0.1. Enquadramento.....	1
0.2. Justificação da Escolha do Tema.....	1
0.3. Objeto	3
0.4. Objetivos de Investigação	3
0.5. Hipóteses.....	4
0.6. Opções Metodológicas.....	4
0.7. Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos	5
CAPÍTULO I – UMA BREVE OPERACIONALIZAÇÃO DE CONCEITOS.....	7
CAPÍTULO II – UMA CARACTERIZAÇÃO DA SÍRIA.....	10
2.1. Introdução	10
2.2. Enquadramento Histórico	10
2.3. Caracterização Geográfica da Síria	11
2.3.1. Extensão	11
2.3.2. Localização.....	11
2.3.3. Configuração.....	12
2.3.4. Morfologia.....	12
2.3.5. Mar e vias navegáveis	13
2.3.6. Uma síntese dos fatores geográficos físicos	13
2.4. Caracterização da estrutura populacional, social e religiosa	15

2.5. Caracterização Económica.....	21
2.6. Caracterização Militar	23
CAPÍTULO III – A GUERRA CIVIL NA SÍRIA.....	25
3.1. A Guerra Civil Síria.....	25
3.2. Atores do Conflito	28
3.3. Causas/Motivações do Conflito	31
3.4. Intervenientes Externos.....	33
CAPÍTULO IV – IMPACTO GLOBAL DO CONFLITO.....	35
4.1. Introdução	35
4.2. Objectivos no Conflito Sírio: EUA, Federação Russa	35
4.3. Política Externa com Influencia no Médio Oriente: EUA, Federação Russa	36
4.3.1. Política da Federação Russa	36
4.3.1.1. Relativamente aos Estados Unidos da América.....	37
4.3.1.2. Relativamente à União Europeia.....	38
4.3.1.3. Relativamente à NATO	38
4.3.1.4. Relativamente à Turquia.....	39
4.3.1.5. Relativamente ao Médio Oriente	40
4.3.2. Política dos Estados Unidos da América.....	41
4.3.2.1. Relativamente à Federação Russa.....	41
4.3.2.2. Relativamente à Síria.....	42
CONCLUSÃO.....	44
1. Resposta às Questões Derivadas.....	44
<i>QD Nº1 - “Quais são as causas da Guerra Civil Síria?”</i>	44
<i>QD Nº2 - “Quais as motivações das principais forças beligerantes?”</i>	44
<i>QD Nº3 - “Quais os objectivos que os EUA e a RUS pretendem alcançar na Síria?”</i>	45
<i>QD Nº4 - “Quais são as características que fazem da Síria uma região de elevada importância?”</i>	46
2. Verificação de Hipóteses.....	46
<i>Hipótese Nº1 - “A guerra civil Síria é um conflito catalisado pelos interesses das grandes potências mundiais.”</i>	46
<i>Hipótese Nº2 - “As forças em conflito procuram não só satisfazer interesses próprios, mas também interesses de actores externos ao conflito.”</i>	47
<i>Hipótese Nº3 - “A Guerra Civil Síria representa uma oportunidade de afirmação da política externa de potências mundiais como os EUA e a Federação Russa.”</i>	47
<i>Hipótese Nº4 - “A riqueza Síria em recursos fósseis assim como a sua localização geográfica são um potenciador do conflito.”</i>	48

3. Guerra Civil Síria: Subsídios para uma compreensão do seu impacto global	48
BIBLIOGRAFIA	50
APÊNDICES	I
Apêndice A – Estruturação e enquadramento da investigação	II
Apêndice B – Localização do Estado Sírio	V
ANEXOS.....	VI
Anexo A – Mapas da localização geográfica e geoestrategica Síria	VII
Anexo B – Forças beligerantes e respectivos apoios	IX
Anexo C – Mortos e refugiados do conflito sírio	XI
Anexo D – Distribuição populacional Síria	XIV
Anexo E – Membros da Liga Árabe	XVI
Anexo F – Variações do PIB sírio	XVII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Estrutura da Problemática de investigação	II
Figura 2: Enquadramento das Ciências Central e auxiliares	III
Figura 3: Áreas científicas do domínio “nuclear” das Ciências Militares.....	III
Figura 4: Desenho da estrutura de Investigação	IV
Figura 5: Mapa da Localização Síria	V
Figura 6: Localização do porto de Tartus	VII
Figura 7: Divisão do Mundo segundo Nicholas Spykman	VII
Figura 8: As Regiões Geoestratégicas e Geopolíticas, de Saul B. Cohen	VIII
Figura 9: Forças em confronto e respectivos apoios	IX
Figura 10: Oposição ao regime de Assad	X
Figura 11: Apoio ao regime de Assad	X
Figura 12: Número de mortos desde março de 2011 a dezembro de 2015	XI
Figura 13: Distribuição dos refugiados e deslocados do conflito Sírio	XII
Figura 14: Distribuição dos refugiados sírios.....	XIII
Figura 15: Áreas do território sírio sob o controlo dos variados actores.....	XIV
Figura 16: Distribuição étnica e religiosa da população síria.....	XV
Figura 17: Estados membros da Liga Árabe	XVI
Figura 18: Variações anuais do PIB (2007-2016)	XVII
Figura 19: Crescimento do défice orçamental devido ao conflito.....	XVIII

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AM – Academia Militar

BCS – Banco Central Sírio

CI – Comunidade Internacional

CoG – Centros de Gravidade

DI – Direito Internacional

EUA – Estados Unidos da América

FA – Forças Armadas

ISIS – Estado Islâmico

NATO – Organização do Tratado do Atlântico Norte

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PKK - Partido dos Trabalhadores do Curdistão

QC – Questão Central

QD – Questão Derivada

R2P- Responsibility to Protect

RC – Requisitos Críticos

RI – Relações Internacionais

RUS – Federação Russa

SI – Sistema Internacional

TIA- Trabalho de Investigação Aplicada

UE – União Europeia

URSS – União das Republicas Socialistas Soviéticas

USD – United States Dollar

VC – Vulnerabilidades Críticas

YPG – Unidades de Protecção Popular

INTRODUÇÃO

0.1. Enquadramento

O conflito armado que, desde 2011, assola a República Árabe da Síria tem exercido uma enorme pressão política, militar, económica e social muito para além das respetivas fronteiras políticas.

A importância desta guerra civil é evidenciada pelas perdas humanas e materiais já sofridas pelas partes desde 2011 até à atualidade.

Além das perdas, não será desprezível a relevância que potências como a Arábia Saudita e o Irão terão para o curso dos acontecimentos no quadro da competição que mantêm desde a década de 70 do século XX. Também as relações que duas importantes potências — Estados Unidos da América (EUA) e Federação Russa (RUS)¹ — mantêm com as facções envolvidas nesta guerra civil nos levam a reforçar a ideia de que, sendo uma guerra civil², o conflito armado em curso na Síria constitui-se ele próprio como uma *proxy war*³. Aliás, os EUA e a RUS têm desenvolvido operações militares em território Síria⁴

A presente investigação, subordinada ao tema *A Guerra Civil na Síria: Subsídios para uma compreensão do seu impacto global*, procura clarificar a Guerra Civil Síria, bem como as razões que determinam que este conflito intraestatal produza um impacto global.

0.2. Justificação da Escolha do Tema

O tema de investigação que nos propusemos investigar afigura-se como importante para a Academia Militar (AM). De facto, o estudo das crises e dos conflitos armados tem-

¹ Como forma de manter e afirmar a sua presença na Síria, a RUS mantém fortes relações com o governo, materializadas nas exportações e importações entre ambos os Países, sendo de salientar a forte comercialização de armamento. Facto notório, é também a presença de infra-estruturas militares Russas em território Sírio, tais como: a base naval de Tartus; a base aérea de Hmeimin.

² “A chamada guerra civil tende sempre a ser uma guerra travada entre facções que têm nos seus núcleos um corpo militar organizado, que dinamiza e organiza as campanhas do confronto armado. Chama-se civil porque o conflito original alastra a toda a sociedade civil e envolve o pessoal que não é profissional das armas” (Bessa & Pinto, 2001, p. 213)

³ “Os referentes do conceito de proxy war (ou uma guerra de ‘substituição’, ou ‘por delegação’ ou ‘procuração’) tendem a ser conflitos bélicos instigados por uma potência – por via de regra média-grande, mas podendo não o ser – que nela não participa de maneira directa. Está por isso nele implícita a ideia de que aquilo que está em causa é a ‘representação’ dos interesses de uma potência por forças exteriores que dela não constituem parcela intrínseca” (Guedes, 2014, p. 457).

⁴ Mentoria, ataque ao solo, interdição Aérea.

se afirmado como uma linha de investigação prioritária para a AM e para o Instituto Universitário Militar, no quadro do desenvolvimento de um corpo de conhecimentos hoje designado Ciências Militares.

Concomitantemente, é notório que o nosso tema de investigação ainda não se encontra suficientemente estudado através de investigações desenvolvidas no âmbito dos Exército Português ou das Forças Armadas (FA).

Principalmente desde a crise migratória de 2015⁵, tornou-se manifesto que as consequências da Guerra Civil Síria já se faziam sentir em pleno Continente Europeu. O movimento de migrantes provenientes do Médio Oriente em massa, a multiplicação dos ataques terroristas em solo europeu⁶, a proliferação de redes de terrorismo⁷ puseram a nú algumas das fragilidades dos países europeus e, por consequência, provaram ser necessário olhar para o conflito armado na Síria como uma ameaça à segurança, à paz e à estabilidade na Europa e, por conseguinte, em Portugal. Não se deve, por isso, colocar de parte a possibilidade das FA virem a ser chamada a projetar forças para a Síria, principalmente no quadro de Operações de Gestão de Crises, Operações de Imposição de Paz ou Operações de Manutenção de Paz, razão pela qual o estudo da Guerra Civil Síria deve ser desenvolvido no contexto dos trabalhos de investigação aplicada (TIA) desenvolvidos na AM.

O tema de estudo é proeminente também no plano pessoal. A atualidade do conflito e as suas consequências constituem-se uma forte motivação para querer aprofundar o conhecimento acerca da Guerra Civil Síria.

Os factos enunciados levam a que dediquemos o nosso estudo sobre a Guerra Civil Síria e que o concretizemos através de um TIA.

As ideias e os dados recolhidos na fase exploratória da nossa investigação levaram à construção de uma questão central (QC) orientadora de toda a investigação, designadamente:

Em que medida a Guerra Civil Síria tem um impacto global?

⁵ A Guerra Civil Síria causa alterações na estabilidade dos Estados Europeus. Exemplo claro disso é a Crise dos Refugiados com fortes implicações ao nível social, através do qual “*estamos a assistir ao apogeu e ao retorno da política do medo, isto é, ao convencimento das massas de que não há outra alternativa senão a de se protegerem, erguerem muros e temerem os estrangeiros, visto que a velha política se mostra incapaz*” (IESM, 2014) de garantir a segurança.

⁶ A destacar os ataques em França à sede da revista satírica *Charlie Hebdo* e a explosão de bombas no aeroporto de Bruxelas e na estação de metrô de Maelbeek.

⁷ Com principal destaque para Estados como a Alemanha, França, Holanda, Bélgica e Reino Unido.

0.3. Objeto

As abordagens possíveis ao tema “*A Guerra Civil na Síria: Subsídios para uma compreensão do seu impacto global*” são múltiplas. Simultaneamente, é importante realçar que o próprio conflito armado não se encontra esgotado, porquanto a solução política não foi encontrada. Novos dados e novos factos são acrescentados diariamente ao conflito armado em estudo. Assim, afigurou-se necessário delimitar o nosso objeto no tempo, centrando a nossa investigação no período compreendido entre o início da guerra, em março de 2011, e o final do ano civil de 2017.

A Guerra Civil Síria tem contado com a intervenção direta e indireta por parte de diversas potências. A título de exemplo citamos a Arábia Saudita, os EUA, a França, o Irão, o Iraque, Israel, o Reino Unido, a RUS ou a Turquia. Considerando apenas os Estados supra citados, torna-se evidente que um estudo aprofundado dos interesses e da intervenção dos mesmos exige recursos — mormente, o tempo — de que não dispomos. Assim, foi tido por necessário restringir a nossa investigação ao estudo dos interesses e da intervenção das duas principais potências, nomeadamente os EUA e a RUS.

0.4. Objetivos de Investigação

O TIA ora apresentado tem como objetivo fundamental contribuir para a clarificação de algumas das razões que determinam que a Guerra Civil Síria tenha um impacto global.

A realização do objetivo principal da nossa investigação conduziu-nos ao estabelecimento de objetivo parcelas, cujo cumprimento se revelou fundamental. Assim, verificou-se necessário estudar as principais causas que levaram à eclosão do conflito armado na Síria, as motivações que mobilizam as partes beligerantes, quais os principais interesses e objetivos que as grandes potências⁸ procuram ver observados nesta guerra civil, bem como as características que fazem da Síria uma área geográfica de elevada importância geopolítica.

O objetivo principal e os objetivos parcelares a verificar ao longo do nosso percurso de investigação têm como referência a QC de investigação — **Em que medida a Guerra**

⁸ “*Um Estado só pode ser uma grande potência, se tiver grande espaço, liberdade de movimentos, coesão interna e força para a assegurar*”(Baud, 1999). As grandes potências, constituem assim uma classe superior dos Estados, sendo estas classificadas de relativamente a critérios espaciais, geográficos, económicos e militares. “*Great powers are determined largely on the basis of their relative military capability. To qualify as a great power, a state must have sufficient military assets to put up a serious fight in an all-out conventional war against the most powerful state in the world*” (Baud, 1999)

Civil Síria tem um impacto global? —, o que não dispensou o levantamento de questões derivadas (QD), designadamente:

- QD N.º1: Quais são as causas da Guerra Civil Síria?;
- QD N.º2: Quais as motivações das principais forças beligerantes?;
- QD N.º3: Quais os objectivos que os EUA e a RUS pretendem alcançar na Síria?;
- QD N.º4: Quais são as características que fazem da Síria uma região de elevada importância?

0.5. Hipóteses

A condução da nossa investigação foi precedida pelo estabelecimento de um conjunto de hipóteses, passível de verificação total ou parcial, bem como de não verificação:

As hipóteses que estabelecemos para a presente dissertação são:

- Hipótese N.º1: A Guerra Civil Síria é um conflito catalisado pelos interesses das grandes potências mundiais;
- Hipótese N.º 2: As forças em conflito procuram não só satisfazer interesses próprios, como também interesses de atores externos ao conflito;
- Hipótese N.º 3: A Guerra Civil Síria representa uma oportunidade de afirmação da política externa de grandes potências como os EUS e a RUS;
- Hipótese N.º 4: A posição geográfica e a abundância de recursos minerais fósseis são fatores potenciadores do conflito armado sírio.

0.6. Opções Metodológicas

O estudo tema de investigação *A Guerra Civil na Síria: Subsídios para uma compreensão do seu impacto global* enquadra-se no domínio das Ciências Sociais. Recorrendo à articulação entre ciência central e ciências auxiliares avançada por António de Sousa Lara (Lara, 2004), temos um TIA em que as Relações Internacionais (RI), coadjuvadas pela Ciência Política, pela Geopolítica, pela Estratégia, olham para um dado conflito armado sob a perspectiva da área de estudos designada *Ciências Militares*, concretamente na ótica da sua subárea *estudo das crises e dos conflitos armados*⁹.

Procurou-se que este trabalho científico adotasse uma abordagem metodológica simples e incisiva, possibilitadora de uma correta estruturação e operacionalização.

⁹ Ver apêndice A.

Após isto, avançamos sobre a delimitação do problema de investigação, pelo que circunscrevemos o nosso objeto de estudo no tempo e no espaço. Por um lado, dedicaremos o nosso estudo ao período pós dissolução do Pacto de Varsóvia (1991). Por outro, estudaremos o impacto global da Guerra Civil Síria através da pesquisa sobre as motivações, interesses e objetivos de duas das principais potências que — direta ou indiretamente — têm intervenção no conflito armado já citado: EUA e RUS.

Atendendo ao nosso objeto de estudo, o método que se considerou mais adequado foi o método hipotético-dedutivo. Assim, foram construídas hipóteses para que, após uma observação e análise dos dados obtidos através da observação de fontes primárias, possam ser confirmadas ou refutadas. Pretende-se que, através de um estudo, responder às questões derivadas levantadas e à QC de investigação, tendo em vista a verificação ou refutação das hipóteses, bem como a sustentação das conclusões do nosso trabalho científico¹⁰ (Moreira, 1995).

Os métodos por nós utilizados são, maioritariamente, de natureza qualitativa. Iremos olhar para o nosso objeto de estudo com recurso a uma análise crítica essencial, valorizando os aspetos significativos e simbólicos dos fenómenos políticos, económicos e militares (Lara, 2004).

As técnicas de recolha de informação e análise utilizadas são a análise documental e a pesquisa bibliográfica. Esta consistirá não só em documentos de fonte indirecta, como também em documentos de fonte directa.

A análise documental realizada recaiu essencialmente sobre documentos de fonte indirecta. Isto deve-se ao facto de este tipo de documentos serem de mais fácil acesso e por serem disponibilizados em maior numero. Perante isto, prevê-se uma análise de documentação como publicações governamentais, livros, manuais universitários e artigos em revistas especializadas.

0.7.Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos

O presente trabalho de investigação encontra-se organizado em capítulos 5/6 capítulos:

- Introdução;
- Capítulo I: Uma breve operacionalização de conceitos;
- Capítulo II: Uma caracterização da Síria;

¹⁰ Ver apêndice A.

- Capítulo III: A Guerra Civil na Síria;
- Capítulo IV: Os interesses das grandes potências na Síria;
- Conclusão: A Guerra Civil Síria e Impacto Global.

Ao longo do capítulo introdutório, avançaremos com uma síntese do percurso de investigação levado a efeito. Neste sentido, a introdução é dedicada determinação e correta delimitação do tema de investigação e do objeto de estudo, justificando os móveis que nos levaram à sua escolha. Em complemento, aclaramos as opções metodológicas adotadas.

No *Capítulo I: Uma breve operacionalização de conceitos*, debruçamo-nos sobre a operacionalização dos conceitos essenciais à presente investigação.

Em seguida, no *Capítulo II: Uma caracterização da Síria*, são abordados é conduzida uma breve análise dos fatores geopolíticos da Síria, procurando evidenciar os fatores que determinam que a importância regional — no Médio Oriente — e global deste Estado.

Já no *Capítulo III: A Guerra Civil na Síria*, levamos a efeito um esforço de caracterização Guerra Civil Síria, através do estudo das forças beligerantes: as motivações; os interesses; e os objetivos políticos prosseguidos. Este estudo acompanhado por uma permanente reflexão sobre as associações entre os diversos intervenientes (diretos e indiretos) neste conflito armado, refletidas nos apoios fornecidos e nas alianças estabelecidas.

O *Capítulo IV: Os interesses das grandes potências na Síria*, é direcionado para a análise do impacto que a Guerra Civil Síria tem na política externa de grandes potências, especificadamente dos EUA e da RUS. Neste capítulo, é ainda impacto da política externa deste dois países na Guerra Civil Síria.

Finalmente, completamos o documento com a respostas esboçadas para as questões derivadas, para a QC de investigação e, concomitantemente, estabelecemos uma comparação entre as hipóteses estabelecidas em sede de projeto de investigação e os resultados que dela decorrem.

CAPÍTULO I – Uma breve operacionalização de conceitos

Um correcto entendimento do quadro conceptual utilizado é essencial. Só assim será possível evitar ambiguidade na compreensão das ideias expostas ao longo do presente trabalho.

Recaindo o estudo em causa sobre um Estado, a Síria, é pertinente salientar que Cruz entende por Estado

“uma comunidade política de pessoas, unidas por uma vontade ou por uma consciência colectiva, ou por um interesse colectivo na prossecução do bem comum, vivendo num determinado território geográfico, politicamente organizada, dotada de uma autoridade soberana, detentora do monopólio da coacção legítima, em que uns governam e outros são governados” (2015, p. 52).

Não obstante, *“o Estado é normalmente definido como uma colectividade que se compõe de um território e de uma população submetidos a um poder politico organizado e caracteriza-se pela soberania”* (Dinh, Daillier, & Pellet, 2003, p. 418). Juntamente com o defendido por José Fontes, um Estado para que o seja, é necessário que seja detentor de três elementos constitutivos: Povo, Território e Poder político (2009). Assim perante o exposto por estes autores, esta será a noção de Estado adoptada.

No que à noção de guerra civil diz respeito, Kalyvas defende que esta é um *“combate armado dentro dos limites de uma entidade soberana reconhecida, entre partes sujeitas a uma autoridade comum no começo das hostilidades”* (2010, p. 19).

Por sua vez, Bessa & Pinto sustentam que

“a chamada guerra civil tende sempre a ser uma guerra travada entre facções que têm nos seus núcleos um corpo militar organizado, que dinamiza e organiza as campanhas do confronto armado. Chama-se civil porque o conflito original alastra a toda a sociedade civil e envolve o pessoal que não é profissional das armas” (2001, p. 213).

O que se sucede na Síria constitui um *“levantamento popular explosivo-súbito, breve, incontrolado e não planeado”* (Couto, 1988, p. 157), pelo que se pode classificar tais acontecimentos como uma revolução.

Esta revolução, tendo por origem uma situação de Crise, entenda-se,

“uma sequência de interações entre governos de dois ou mais actores do SPI, em «conflito intenso» (agudizar do conflito), perto da iminência de Guerra quente ou conflito armado, porém com a percepção do perigo que representa uma elevada probabilidade de Guerra” (Santos, 1983, p. 62),

é geradora de um conflito. Este conflito que, segundo Cabral Couto

“consiste num afrontamento intencional entre dois seres ou grupos da mesma espécie que manifestam, um em relação ao outro, uma intenção hostil, em geral a propósito de um direito, e que para manterem, afirmarem ou restabelecerem esse direito procuram quebrar a resistência do outro, eventualmente pelo recurso à violência física, a qual pode tender, se necessário, ao aniquilamento físico” (1988, p. 100).

Ainda no que ao conflito diz respeito, Coser defende que este é *“um afrontamento em torno de valores e de reivindicações relativas a recursos, estatutos, direitos ou poder, em que cada um dos oponentes visa neutralizar, ou causar danos ou eliminar o seu adversário”* (1957, p. 238), clarificando assim o entendimento acerca do que é um conflito.

As grandes potências, que constituem uma classe superior dos Estados, são classificadas relativamente a critérios espaciais, geográficos, económicos e militares. Materializando estas os principais atores em vários conflitos, entende-se que um Estado apenas possa ser classificado como grande potência *“se tiver grande espaço, liberdade de movimentos, coesão interna e força para a assegurar”*(Dias, 2005, p. 82). Perante este entendimento, e de acordo com Cruz, é útil compreender que o território é *“a dimensão geográfica do Estado, que pode ser continua ou descontinua, exígua ou extensa. O Território pode não ser continuo, e assumir formas dispersas, descontínuas, com enclaves rodeados por território alheio, ou com espaços extra-territoriais noutros territórios”* (2015, p. 36).

Todos estes conceitos estão associados às noções de ameaça e de risco. Nesta medida entende-se como ameaça *“qualquer acontecimento ou acção (em curso ou previsível) que contraria a consecução de um objectivo e que, normalmente, é causador de danos, materiais e morais”* (Couto, 1988, p. 329). De forma semelhante, entenda-se também por ameaça uma *“actividade que indicie determinado comportamento, podendo assim ser previsível ou logo efectiva, no sentido de contrariar as nossas actividades, de modo a impedir o nosso propósito”* (Dias & Sequeira, 2015, p. 151), resultando esta do produto de uma possibilidade (dados materiais e objectivos) com uma intenção efectiva (interesses nacionais, objectivos específicos, estratégias em curso). Por sua vez, e intrinsecamente relacionado com a noção de ameaça, surge a ideia de risco. Este risco, corresponde a uma relação entre a capacidade de resposta que se detém perante uma determinada ameaça, como sugerido por Dias & Sequeira (2015).

Por fim, é então possível compreender de melhor forma o entendimento adoptado para guerra. A Guerra,

“acto de violência organizado entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um

determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolar-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares, em que cada um procura obrigar o outro a submeter-se à sua vontade, ou seja, a capitular”(Couto, 1988, p. 148)

ao qual se acresce o entendimento segundo Dias em que guerra

“é um facto violento, percebida a violência como o emprego de qualquer forma de coacção para impor o criar condições de imposição de uma vontade, como por exemplo, fragilizando o complexo económico-militar, enfraquecendo a estrutura psicológica ou até destruindo as forças militares de um potencial adversário” (Dias, 2010, p. 163),

é um fenómeno de natureza colectiva que visa interesses colectivos.

Não menos importante, é o contributo do fenómeno da guerra para a prossecução da estratégia dos Estados. Posto isto, e por forma a clarificar o entendimento deste conceito, temos que *“estratégia é a ciência/arte de gerar, estruturar e utilizar recursos tangíveis e intangíveis a fim de uma organização atingir objectivos por si estabelecidos, que suscitam ou podem suscitar hostilidade de uma outra vontade/estrutura organizacional”* (IPCE, 2012, p. 108).

CAPÍTULO II – Uma Caracterização da Síria

2.1. Introdução

A Guerra Civil que a Síria enfrenta desde 2011 desde cedo captou a atenção da comunidade internacional (CI), devido à sua complexidade, aos múltiplos atores internos e, principalmente, devido aos importantes atores externos que, direta ou indiretamente, influenciam o curso dos acontecimentos.

Os factos enunciados tornam necessária uma caracterização da Síria, que exponha as suas propriedades intrínsecas, sem o que não é possível compreender a eclosão, a dimensão e as consequências da guerra civil ali experienciada.

2.2. Enquadramento Histórico

No território que atualmente é ocupado pelo Estado Sírio encontrava-se uma região designada Levante. Este território abrangia locais que faziam parte de reinos de impérios antigos, como é o caso do Império Otomano.

A Síria, com a configuração que hoje conhecemos, estabeleceu-se apenas após o término da Primeira Guerra Mundial e, à altura, ainda enquanto protetorado Francês. No ano de 1920, a Síria que se encontrava dividida em cinco partes constituintes — Grande Líbano, Damasco, Aleppo, Djabal Druza e Alawis —, via na sua diversidade religiosa, étnica e cultural a justificação para tal fragmentação.

Em 1946, a Síria viria a ser reconhecida como Estado independente. Entre 1946 e 1970, o Estado Sírio atravessou um longo período de instabilidade, marcado por sucessivos golpes militares.

Hafez Bashar al-Assad chegou ao poder no ano de 1970 através de um golpe militar, ficando no poder por 30 anos. Durante este longo período, Hafez Bashar al-Assad implementou regime ditatorial. Mais tarde, já no ano de 2000, Bashar al-Assad, filho de Hafez, sucede-lhe no cargo, preservando a linha ditatorial do regime.

Bashar al-Assad, que em 2017 ainda se mantinha no poder, é o principal alvo da oposição rebelde, sendo considerado responsável pela permanente opressão a que o povo Sírio se encontra sujeito e pelo desrespeito generalizado pelos direitos humanos na forma como as FA sírias combatem e reprimem os seus opositores.

2.3. Caracterização Geográfica da Síria

O Estado Sírio tem características geográficas que atribuem importância à sua território. Assim, torna-se necessária a sistematização desses atributos geográficos. Para o concretizar, recorreremos ao modelo de análise proposto *Elementos de Análise Geopolítica e Geoestratégica* (IAEM, 1993, p. 18), segundo o qual se deve considerar os seguintes fatores físicos: a extensão (dimensões e superfície); a localização (posição relativa); a configuração (forma e fronteiras); a morfologia (relevo e hidrografia); e o mar e vias navegáveis.

2.3.1. Extensão

A Síria ocupa uma área terrestre de cerca de 185 000 km² (aproximadamente duas vezes maior que Portugal – 92 090 km²) e 1 550 km² de águas territoriais¹¹. Do ponto de vista da sua dimensão relativa, no quadro dos restantes Estados do Médio Oriente, a Síria é um Estado de dimensão média, já que o Estado de maiores dimensões é a Arábia Saudita com 2 149 500 km² e o Bahrein o menor com 694 km².

Dada a sua dimensão, o Estado Sírio abrange uma extensão que lhe oferece acesso a uma considerável diversidade de recursos naturais. Na sua maioria, os recursos naturais em território Sírio são os de natureza fóssil. Estes possibilitam a exploração de alguns dos recursos mais relevantes atualmente, como o petróleo e o gás natural¹².

Por outro lado, o território Sírio oferece também a possibilidade de garantir uma dispersão daqueles que são os seus Centros de Gravidade (CoG). Isto materializa assim um distanciamento entre infraestruturas relevantes tais como, complexos industriais, complexos energéticos e bases militares.

2.3.2. Localização

Localizado no Médio Oriente¹³, o Estado Sírio partilha fronteiras com cinco Estados adjacentes. A Norte, encontra-se a Turquia, detentora do segundo maior exército terrestre da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO)¹⁴. A Sul, localizam-se Israel e a Jordânia, sendo que o primeiro é uma potência nuclear e um dos países mais

¹¹ Dados acedidos em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>

¹² Esta importância advém das variadas possibilidades de utilização destes tipos de recurso. Estes detém papel crucial ao nível da indústria e conseqüentemente da economia, na medida em que são utilizados como matérias primas dos plásticos e na medida em que são utilizados enquanto fonte energética.

¹³ Ver apêndice B.

¹⁴ Dados acedidos em <https://www.globalfirepower.com/countries-listing-nato-members.asp>

estáveis e seguros da região. Do lado Este, encontramos o Iraque, que depois da Turquia é o vizinho com maior extensão territorial e com maior população. A Oeste, situa-se o Líbano, que apenas permite o acesso ao mar por parte da Síria entre a fronteira Libanesa e Turca.

A Localização¹⁵ Síria garante a este Estado acesso ao Mar Mediterrâneo, sendo esta característica um multiplicador da sua importância estratégica na medida em que possibilita a projeção de forças para Oeste por via marítima. Esta importância revela-se também na medida em que a Síria tem assim a possibilidade de estabelecer rotas comerciais com a Europa, um dos maiores consumidores de hidrocarbonetos¹⁶.

2.3.3. Configuração

A Configuração para um Estado está relacionada com a sua forma geométrica, ou melhor dizendo, com o traçado das suas fronteiras. Desta forma “*o círculo é a forma geométrica ideal, também por “compacta”, a que a configuração de um Estado devia “obedecer”, com a capital no seu centro e a organização do espaço efectuada radialmente*” (Mackinder, 1968). A Síria tem uma configuração, relativamente aproximada da configuração ideal apontada por Mackinder. Contudo, devido a factores como a natureza do solo e o clima, essa configuração acaba por não resultar numa distribuição radial das estruturas económicas, políticas, sociais e militares.

2.3.4. Morfologia¹⁷

A Síria tem no seu flanco sul um eixo terrestre para possíveis invasões dirigidas no sentido Sul-Norte. Além disso, no território sírio, os acidentes naturais mais relevantes são:

¹⁵ Ver anexo A.

¹⁶ Estados Europeus como a Alemanha, Itália, Reino Unido, França e os Países Baixos ocupam o top 10 dos principais importadores mundiais de hidrocarbonetos como o gás natural, com valores superiores a 39,5 biliões de metros cúbicos de gás importado por anualmente.

¹⁷ A morfologia do território Sírio reflete-se nas características do relevo e da hidrografia naquela região. Este torna-se importante, na medida em que é um influenciador daquilo que são os traçados de grandes vias de comunicação, de transportes e de recursos. Contudo, o relevo enquanto orientador e canalizador natural de possíveis eixos de penetração, é também um fator de realce ao nível militar. Desta forma, torna-se claro que o relevo tem um impacto ao nível económico e militar, mas também ao nível demográfico. A população, que procura instalar-se no local que melhor qualidade de vida lhe proporcione, opta por ocupar regiões de fácil acesso, onde nitidamente o desenvolvimento é maior que em regiões mais isoladas. No âmbito estratégico-militar, o relevo materializado em obstáculos naturais como cordilheiras, pode constituir-se como área importante a ser controlada. Isto deve-se ao facto de possibilitar o refúgio de pequenos grupos, estabelecer posições defensivas dominantes. Por outro lado, quando nos referimos ao relevo materializado nos seus desertos e planícies, verificamos que estes proporcionam locais que possibilitam a manobra e o movimento de forma célere. Não menos importante, está também o facto de o relevo ser muitas vezes utilizado no sentido de materializar o traçado fronteiriço com os países vizinhos, sendo por isso muitas vezes alvo de disputa, quando conjugado com a riqueza de recursos naturais (Dias, 2005, p. 229).

o deserto situado a Sudoeste do seu território; a cordilheira formada pelas montanhas Jebel na-Nusariyah; a faixa de montes do planalto entre a fronteira Sírio-Libanesa; a montanha Jebel ash-Sheikh, na costa para o Mar Mediterrâneo a Oeste; o Rio Orontes também a Oeste; o Rio Khabour a Nordeste; e o Rio Eufrates na região central.

2.3.5. Mar e vias navegáveis

Relativamente ao mar e vias navegáveis do território Sírio há a referir que este fator pode ser analisado segundo três vertentes: quanto à circulação de bens e pessoas; como fonte de recursos naturais; como espaço estratégico militar (Dias, 2005, p. 233).

O Mar Mediterrâneo, o Rio Orontes, o Rio Khabour e o Rio Eufrates são os principais elementos a referenciar neste âmbito.

O Mar Mediterrâneo detém um grau de importância bastante grande uma vez que é através deste que a Síria obtém acesso aos restantes mares e estabelece as relações comerciais (exportação de hidrocarbonetos). O Mar Mediterrâneo não só representa um importante meio de circulação, dada a possibilidade de projetar as exportações por via marítima, mas também representa uma importante fonte de recursos naturais possibilitando o desenvolvimento da pesca e a exploração de recursos existentes no litoral e na plataforma oceânica.

Os rios mencionados, por sua vez, detêm um papel de maior relevância enquanto fontes de água como bem essencial. Apesar da sua relevância ao nível da circulação e ao nível militar, enquanto canalizadores e obstáculos de possíveis invasões, quando comparados com o mar Mediterrâneo verificamos que este detém um papel essencial.

2.3.6. Uma síntese dos fatores geográficos físicos

Após uma breve descrição dos fatores geográficos físicos Sírios, é-nos então possível estabelecer uma relação com a importância da geografia Síria e conseqüentemente com sua importância estratégica.

Verificamos então que a Síria por se localizar no *rimland*, por si só, é dotada de grande importância ao nível mundial, para aqueles que procurem ser detentores de um poder global.

Segundo Saul Bernard Cohen, não será possível a nenhuma potência dominar o *rimland*. Isto deve-se à extensão, heterogeneidade e diversidade que tornam o *rimland* numa região de difícil controlo, na sua totalidade. Ainda de acordo com este autor, a região

do Médio Oriente possui as características do modelo teórico de *shatterbelt*. Cohen refere que um *shatterbelt*, ou cintura fragmentada, são:

“a region torn by internal conflicts whose fragmentation is increased by the intervention of external major powers. The interveners seek to extend their influence over the region by offering military, political, and economic support to their clients. At a lesser geographical scale are “compression zones”—smaller atomized areas that lie within or between geopolitical regions. Such zones are torn apart by the combination of civil wars and the interventionist actions of neighboring countries” (2015, p. 9).

Assim, o Médio Oriente, região onde se localiza a Síria, é caracterizado pela fragmentação política e económica associada a divergências culturais, políticas e até ambientais. Esta região apresenta profundas divisões entre os Estados que as compõem, mas também dentro dos próprios Estados. Por sua vez estas divisões, não se apresentam como um carácter estável, uma vez que a fragmentação dos *shatterbelts* é um processo dinâmico influenciável pelos interesses de potências externas que competem entre si (Cohen, 2015).

O Médio Oriente apresenta-se assim como uma região de características únicas a nível geográfico que lhe atribuem elevada importância. Apesar de se constituir como uma região fragmentada, onde os Estados que a incluem enfrentam problemas ao nível da estabilidade económica, política e social, verifica-se que, dentro do clima de instabilidade, existe interesse por parte de atores externos em manter uma presença ativa na região. A isto se referia Cohen (2015, p. i),

“The location of the Middle East at the junction of the Old World’s three continents has long given global strategic importance to its water and land transit ways. These transit ways, as well as the vast petroleum and natural gas reserves of the region, are the magnets that now draw outside powers to the region.”

Tendo presente que *“a geografia é o factor mais fundamental da política externa dos Estados, porque é mais permanente”* (Cohen, 2015), é necessário compreender que este factor desencadeia uma série de outros factores que atribuem importância a esta região onde se situa o Estado Sírio. As características únicas do Médio Oriente são as suas massas de terra rodeadas e irrigadas, quase na sua totalidade, por redes de água. É uma região rodeada por cinco mares: o Mar Cáspio, o Mar Mediterrâneo, o Mar Vermelho/Golfo de Aden e o Golfo Persa. Estas massas de água, não delimitam apenas o Médio Oriente, como se constituem também como pontos estratégicos importantes para potências externas, que ao longo da história tentaram assumir o controlo sobre eles. Para além da importância que estes locais desempenharam ao longo da história, à que realçar que actualmente os Estados

desta região do globo possuem dois terços das reservas de petróleo mundial e cerca de quarenta por cento das reservas de gás natural (IESM, 2014). Acumulando a isto, é nesta região que se localiza o canal do Suez. Este canal é atravessado por importantes rotas comerciais marítimas que estabelecem a ligação entre o Oceano Índico e o Mar Mediterrâneo, estabelecendo assim o contacto por via marítima entre a Ásia e a Europa.

2.4. Caracterização da estrutura populacional, social e religiosa

A Síria, de acordo com a Central Intelligence Agency – World Factbook, é um Estado com aproximadamente 18 028 549 habitantes¹⁸. Destes 18 milhões de habitantes, cerca de 31,62% tem uma idade entre os 0 e 14 anos, 19,54% tem uma idade entre os 15 e os 24 anos, 39,22% tem uma idade entre os 25 e os 54 anos, 5,41% tem uma idade entre os 55 e os 64 anos e cerca de 4,21% tem uma idade superior a 64 anos.

Analisando a estrutura de idades da população Síria, verificamos que é uma população bastante jovem, com uma média de idade de 24,3 anos, sendo que 50% da população tem menos 25 anos. O Estado Sírio, ao ter uma população maioritariamente jovem, tem ao seu dispor um grande número de pessoas em idade activa, tendo assim disponível uma elevada quantidade de mão-de-obra. Contudo, a grande quantidade de mão-de-obra, não se materializa em números de mão-de-obra activa na medida em que cerca de 35,8% da população (entre os 15 e os 24 anos) se encontra desempregada. Este valor, devido ao desenrolar dos acontecimentos ao longo do ano de 2017, tem tendência a aumentar, fruto da destruição e da destabilização que o país sofre.

Apesar disto, os números alfabetização são de cerca de 86,4% para a totalidade da população, sendo que por género são 91,7% para a população masculina e 81% para a população feminina. Estes valores justificam-se com base na média de 9 anos de escolaridade para ambos os géneros.

Existem porém outros indicadores essenciais para a compreensão da estrutura populacional Síria. A taxa de natalidade é um desses indicadores. Através da taxa de natalidade é possível estabelecer relações entre a forma de organização social, a formação e o desenvolvimento económico do país. A Síria, com uma taxa de natalidade de cerca de 21,2 nascimentos em cada 1000 habitantes, o que se materializa num valor de 2,5 filhos por cada habitante do sexo feminino. Por outro lado, este Estado apresenta uma taxa de 4 mortes por cada 1000 habitantes, sendo que à nascença a esperança média de vida é de

¹⁸ Dados referentes a Julho de 2017 acedido em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>

72,7 anos para os homens e de 77,6 anos para as mulheres. Desta forma, estamos perante uma população maioritariamente jovem estando previsto um crescimento da populacional Sírio.

Cerca de 58,5% da população ocupa grandes centros urbanos, estando assim a população distribuída maioritariamente ao longo da costa do Mar Mediterrâneo, encontrando-se assim a maior densidade populacional em cidades como Damasco (a capital Síria), Aleppo (a maior cidade Síria) e Homs. Desta forma, verifica-se que a distribuição populacional Síria se realiza ao longo da costa mediterrânea, na província de Halab e no vale do rio Eufrates.

A população Síria é, à semelhança do que acontece noutras regiões do globo, fortemente marcada pelas características regionais e históricas da região. Estas características moldam a estrutura populacional criando uma cultura com características próprias. Num país que se encontra introduzido, como visto no subcapítulo anterior, no mundo Árabe, a cultura Síria assenta sobre muitos daqueles que são os costumes Árabes. Com uma população que se divide entre vários grupos étnicos como os Árabes (90,3%), os Curdos, os Arménios e outros de dimensão reduzida (9,7%), podemos encontrar até sete diferentes idiomas. O Árabe, o Curdo, o Arménio, o Aramaico, o Francês, o Inglês e o Circassiano são os idiomas que são falados na Síria, sendo que o Árabe é a língua oficial. Ao nível religioso também se verifica uma grande variedade. Existem na Síria Muçulmanos, Cristãos, Judeus e Drusos, sendo que dentro de cada uma destas religiões é ainda possível encontrar algumas variantes. Dentro dos 87% da população Síria que é muçulmana, 74% são sunitas e os restantes 13% são alauitas, ismaelitas e shiitas. Nas restantes religiões, com menor impacto em território sírio, os Cristão dividem-se em cristãos ortodoxos, congregacionistas e nestorianos, representando apenas 10% da população. Os Drusos por sua vez representam apenas uma pequena minoria, 3% da população. Existe também uma pequena comunidade de cerca de 4500 Judeus que se mantem em centros urbanos como Alepo e Damasco (Moreira & Ramalho, 2015)¹⁹.

A estrutura social Síria encontra-se fortemente ligada à organização religiosa do país. Sendo a Síria um país com uma população maioritariamente muçulmana, a sua organização está fortemente enraizada naqueles que são os hábitos comuns na prática do Islamismo.

¹⁹ Ver anexo D

O Islão, que é uma das três maiores religiões do mundo, encontra nos seus mais de trinta países, uma dimensão demográfica semelhante à sua dimensão geográfica. Esta dimensão geográfica e demográfica, por sua vez, constitui-se como base para afinidade entre os países praticantes, na medida em que o Islão consagra na sua base cinco pilares fundamentais. É contudo essencial perceber também que, a especificidade desses cinco pilares reflectem-se não apenas na vida religiosa do indivíduo em si, mas também na vivência deste como parte integrante de uma sociedade (Moreira & Ramalho, 2015).

O primeiro pilar do Islão é a *Chahada* que consiste num conjunto de palavras que deverão ser proferidas pelo indivíduo que se deseja converter à religião. O segundo pilar, a *Çalat*, é um dos pilares que caracteriza fortemente esta religião, devido à sua dimensão espiritual, mas também devido ao seu impacto sociológico. A *Çalat* determina as orações que deverão ser praticadas ao longo do dia (ao nascer do sol, meio-dia, à tarde, ao pôr do sol e à noite), com a particularidade de que deverão ser realizadas em direcção a Meca. O terceiro pilar, o *Çawn*, constitui-se como um sacrifício físico que tem por objectivo purificar o corpo e a mente. Esta purificação deve ser alcançada através de um jejum obrigatório no mês do Ramadão, durante o qual os praticantes se devem abster de comer, beber, ter relações sexuais ou fumar, desde o nascer até ao por do sol. Juntamente com o *Çawn*, o Hadj são os pilares que atraem em seu redor um maior mediatismo. A Hadj, quarto pilar do Islão, constitui uma peregrinação obrigatória, a realizar pelo menos uma vez na vida, que tem de ser realizada pelos crentes até à cidade de Meca. Esta peregrinação encontra o seu mediatismo no grande número de fiéis que, independentemente da sua classe social, realizam a Hadj em trajes brancos. Estes trajes brancos característicos servem como uma demonstração de igualdade e submissão a Deus, manifestando assim a fé dos crentes. Por fim, o quinto pilar do Islão é o Zakât, um imposto no qual os fiéis têm de doar a oitava parte do seu rendimento para que este seja repartido com os pobres. “*Estes são portanto os cinco pilares que sustentam o Islão e que unem as suas tendências, porém a falta de unidade da liga árabe levanta questões políticas*”(Moreira & Ramalho, 2015, p. 351) que carecem de análise.

Os Pilares acima referidos, dadas as suas particularidades e exigências, requerem dos fiéis rotinas e comportamentos com consequências sociológicas.

Vejamos, por exemplo, o caso de um trabalhador comum num Estado como a Síria. “*Uma tão assídua presença é dificilmente encontrada em grandes massas populacionais onde o trabalho e a vida material em geral dominam a quase totalidade do dia*” (Moreira

& Ramalho, 2015, p. 350). Desta forma, viríamos, no caso de uma empresa ou organização, o trabalho a ser repetidamente interrompido por parte dos seus trabalhadores. Isto nos dias de hoje, “*numa sociedade ocidental, democrática e evoluída económica e socialmente seria utópico pensar em pausas de trabalho ou de produção para realização dos deveres religiosos por parte de uma grande comunidade muçulmana aí residente*”(Moreira & Ramalho, 2015, p. 350).

Contudo, este é um hábito comum em alguns locais na Síria, verificado ao soar de um sinal próprio para alertar os crentes do início da oração. Acontece porém que muitos são aqueles que não conseguem ouvir o sinal e faltam à oração. Esta situação contraditória, resultante da exploração humana que se vive é muitas vezes imposta por um regime autoritário. Nesta medida, um modelo governamental democrático ocidental torna-se inconcebível, permitindo a que valores e direitos universais sejam violados. Situações como esta tornam-se possível, devido a um ódio e revolta para com os ideais ocidentais resultante do desrespeito, por parte destes, aos valores e ideais muçulmanos.

Na sua diversidade, o Islão tem três ramificações principais: o sunismo; o shiismo; o kharijismo. Por sua vez, eventos históricos marcantes para a religião criaram o surgimento de novas tendências dentro das ramificações já existentes – que por não serem relevantes para o estudo serão omissas. Desses acontecimentos históricos há que realçar a morte do profeta Maomé. Com a morte do profeta Maomé surge uma controvérsia relativamente ao seu sucessor. Surgem assim os sunitas – que reconheciam o primeiro califa (governante) Abu Bakr como candidato ideal. É então que surgem também os shiitas – que consideravam Ali, o quarto califa sucessor do profeta Maomé, como candidato adequado (Cymerman & Oreg, 2018).

A ramificação do Islão com mais crentes, o Sunismo, é uma vertente que domina o mundo árabe onde “*não existe hierarquia, todos são iguais e eleitos pela comunidade meramente por questões de organização e funcionamento*”(Moreira & Ramalho, 2015, p. 351). Defendem que o líder escolhido para a comunidade islâmica, deve ser aquele que mostre ter as melhores capacidades (políticas e religiosas) para o cargo. Não basta por isso ser descendente legítimo do profeta Maomé para ser reconhecido como líder religioso, é necessário ter capacidade para tal. O Sunismo preocupa-se assim em manter um clima de união e de respeito pela ordem comunitária, reivindicando uma conciliação entre o

Alcorão²⁰ as Tradições do Profeta Maomé numa busca de consenso unanime da comunidade (ijma)²¹(Cymerman & Oreg, 2018). Segundo os Sunitas, não existe nada a pregar ou a acrescentar uma vez que toda a verdade já se encontra no Alcorão. Por esta razão, o Sunismo não tem clero definido. Na Síria, a maioria dos crentes muçulmanos são sunitas. Esta situação é por si geradora de conflito. Uma vez que na Síria, as altas chefias da sociedade são ocupadas por elementos da minoria shiita, surgem frequentemente atritos sociais. Esta situação de conflito, acaba por se intensificar ainda mais, quando se trata de um regime autoritário que é chefiado por uma minoria.

O shiismo é a vertente do Islão que surge após a morte do profeta Maomé e que representa cerca de 18% da comunidade islâmica (Cymerman & Oreg, 2018). Para os shiitas “*que defendem que a liderança da Umma²² deveria ficar a cargo dos Ahul Bait, ou seja, a “Gente da Casa do Profeta”; os seus parentes próximos. Na sua ótica, o líder tem que ser nomeado pelo seu antecessor e tem que descender do Profeta Maomé*”(Silva, 2016). É com base neste legitimismo, baseado na descendência²³ do profeta Maomé, que os shiitas têm, ao longo da história, contraposto os seus ideais aos ideais Sunitas. Após a morte do califa Ali e posterior subida ao poder da Dinastia (Sunita) de Damasco, o shiismo isolou-se e acabou por se tornar numa forma de encobrir variados movimentos de descontentamento social e político. Estas características dissimuladas do shiismo, que desagradavam os líderes políticos Sunitas, desencadearam um processo de repressão e perseguição ao shiismo, com imediatas consequências em derrotas políticas. Esta situação, agravada pela morte violenta de Husain – filho do califa Ali – levada a cabo por tropas Sunitas, despolto o sentimento passionista da crença shiita, fazendo surgir as características fundamentalistas do shiismo (Silva, 2016).

O Kharijismo, que por sua vez não representa parte significativa da população síria, não obtém um impacto relevante na sociedade síria.

Posto isto, temos que o “*Islão é religião e civilização sendo que os islamitas aspiram hoje (...) o poder de forma a conseguirem instituir a Chari’a, ou seja a lei Islâmica*” (Silva, 2016, p. 18).

²⁰ O Alcorão, ou Corão é o livro sagrado do Islão. Para os muçulmanos encontra-se neste livro sagrado a palavra literal de Deus revelada ao profeta Maomé.

²¹ “*Ijma é a terceira fonte direta de direito no sistema jurídico islâmico. Significa consenso; é o consenso unânime da comunidade ou seja, um grupo constituído por ulama (teólogos), faquis (juristas) e muftis (interpretes de leis), presente numa sociedade em determinada época.*” (Silva, 2016, p. 24)

²² “*Muslims believe that they are members of a worldwide Muslim community, known as the ummah, united by a religious bond that transcends tribal, ethnic, and national identities.*” (Esposito, 2002, p. 15)

²³ Os Shiitas consideram “*que a sucessão do Profeta, e portanto o poder, deve estar na família de `Ali (sobrinho e genro do Profeta) e seus descendentes*” (Laghman, 2012, p. 44)

O Islão apresenta também uma face fundamentalista. O fundamentalismo religioso surge por vezes como meio para instaurar uma progressiva mudança social, tendo em vista uma melhoria das condições sociais e de bem-estar das camadas mais desfavorecidas da sociedade. Perante isto, é também utilizado para mobilizar massas para causas políticas, maioritariamente conservadoras. A problemática do fundamentalismo, e neste caso do fundamentalismo islâmico, prende-se com o facto de não existir uma distinção entre as esferas secular e religiosa. Desta forma, as regras e leis estabelecidas pelo profeta Maomé permaneceram como uma força política latente (Silva, 2016). É neste sentido que as inovações e novas tendências do mundo moderno, encaradas como ameaças à entidade étnica e sociopolítica das sociedades muçulmanas²⁴, tem suscitado um espírito conservador idealista. Os fundamentalistas encorajam assim “*as populações no sentido da restauração dos valores tradicionais e culturais, a qual funcionará como mecanismo de defesa contra a ameaça externa*” (Silva, 2016, p. 23). O fundamentalismo islâmico é por isso uma reacção contra a sociedade secular moderna, bem como uma expressão do desejo de reafirmar os valores essenciais da fé islâmica, imposta através de três aspectos essenciais: Totalitarismo, uma vez que engloba todos os aspectos da vida social publica e privada; Interpretação literalista da Shari’a, na medida em que os preceitos expressos no Alcorão deveram ser aplicados rigorosamente; Coerção e repressão, já que não existe alternativa, é algo imposto que pode ter consequências repressivas (Grieve, 2006). Estamos assim perante uma tentativa de afastar um historial de colonialismo, corrupção e, recentemente, de reocupação vividos durante o século XX, para restabelecer os princípios e a palavra de Deus expressos no Alcorão (Moreira & Ramalho, 2015).

Ao percebermos as origens e causas²⁵ do fundamentalismo islâmico, podemos afirmar, como proposto por Teresa Silva, que para estes existe ainda um sexto pilar do Islão – a Jihad. A Jihaco, que significa o esforço realizado no sentido de encontrar o caminho de Deus, tem cinco objectivos bem definidos: defender o Islão; Combater os inimigos²⁶; Combater a injustiça e a corrupção; Estar preparado para a Jihad; Cumprimento de normas para com o inimigo.

²⁴ “*O Dar al Islam (Mundo do Islão) considera-se ameaçado pelo Dar al-Harb (Mundo da Guerra)*” (Silva, 2016, p. 23).

²⁵ “*Talvez se possa apresentar como uma das principais causas do seu surgimento o facto de os protótipos políticos que o Ocidente tentou implementar no mundo muçulmano terem fracassado*”. Juntamente a isto, acrescenta-se também a crise de identidade do mundo árabe e o etnocentrismo e xenofobismo contra tudo o que é estrangeiro (World Bank, 2011, p. 1)

²⁶ Inimigos, são todos aqueles que, por algum motivo, se tentem opor ao direito de expandir o Islão através da pregação. Contra estes inimigos é legítimo recorrer á guerra para que se torne possível a pregação.

A influência dos ideais religiosos enquanto causadores de instabilidade e conflito é notória na Síria. Não obstante, a organização social em torno de clãs e grupos tribais é também uma das principais causas de rivalidades étnicas e dinásticas na Síria. Desta forma, torna-se difícil a qualquer sujeito que detenha o poder, estabelecer relações de natureza geopolíticas e até de manter esse mesmo poder.

O Islão materializa, perante o exposto, nos seus diversos rituais um dos grandes polos de elevado interesse para as RI. Mais do que uma fé, uma religião, o Islão é lei e constituição para alguns dos Estados do Médio Oriente. Nesta medida, o Islão, e consequentemente a religião, é uma área da qual o sistema de interesses políticos e económicos depende fortemente. Dependência que se materializa no efeito condicionador que os conflitos de natureza ideológica atingem na exploração de recursos minerais na região. A religião constitui-se como justificação para uma continuação de conflitos já existentes, camuflando interesses ocidentais expostos na democracia, bandeira da superpotência EUA (Moreira & Ramalho, 2015).

Podemos por fim afirmar que, através da religião, o conflito Sírio adquire já uma dimensão global dado que

“do lado dos rebeldes ficaram os países sunitas, como o Qatar, a Arábia Saudita e a Turquia, enquanto do lado do regime de Assad, ficaram os países xiitas como o Irão e o Líbano. Atrás dos primeiros vieram depois os Estados Unidos da América e a União Europeia, e dos segundos, a Confederação Russa e a República Popular da China” (PDE 3-49-00, 2015).

2.5. Caracterização Económica

Não menos importante que qualquer outro indicador de desenvolvimento, a economia Síria reflete a realidade da situação deste Estado. O fator económico constitui-se como um dos mais importantes para a compreensão do dia-a-dia do povo sírio, do desenvolvimento das estruturas sociais, industriais, como também das limitações e capacidades ao alcance deste Estado.

O Estado Sírio, desde 2011, tem vindo a sofrer consequências do conflito que se iniciou. Este conflito tem levado a Síria presenciar o período devastador na história do país, com resultados marcantes no âmbito socioeconómico e humano. A violência continua a impedir a produção e distribuição de bens e serviços, impedindo a atividade económica. A destruturação dos serviços públicos prejudicam de forma gravosa a população, pelo que a médio prazo as perspetivas macroeconómicas incidem em conter o conflito e por último encontrar uma resolução política do mesmo.

No entanto, apesar de estes serem os indicadores utilizados por uma economia conceptualizada numa determinada moeda, *stocks*, mercadoria, sectores de atividade principais, bancos e comércio controlado por entidades governamentais, é necessário perceber que existem outras atividades com relevância para a população.

As economias informais, as trocas ou os intercâmbios económicos, que por se realizarem por meio de dinheiro “vivo”, são atividades que estão fora do controlo do governo e adquirem uma dimensão tal que se tornam tão ou mais importantes que as economias formais. Esta realidade influencia de forma significativa as decisões política e as escolhas e opções dos indivíduos. Posto isto, para uma correta análise do fator económico de um Estado é necessário entender a importância relativa dos vários sectores da economia, sejam eles parte de uma economia formal ou informal.

De acordo com The World Bank (2016), num período anterior ao início da guerra civil (2011), a economia síria mantinha-se fortemente dependente dos sectores petrolífero e agrícola, sendo que ao sector do petróleo correspondiam cerca de 40% das exportações e ao sector agrícola correspondiam 20% do Produto Interno Bruto (PIB).

O sector agrícola para além de contribuir com cerca 20% do PIB, materializa 20% do emprego deste Estado.

Por outro lado, as exportações de petróleo, e os serviços têm sido as maiores fontes de receita. Contudo, uma vez que as reservas de petróleo – maior fonte de rendimento - em território sírio tem vindo a decrescer, fez com que em 2010 ocorresse um défice de 2,4% no PIB, ocupando a Síria, no ano de 2016, a posição 64 dentro dos produtores mundiais de petróleo²⁷. Posto isto, a médio prazo a Síria tinha definido duas linhas de acção para potenciar a sua economia. A Primeira incide sobre o aumento do desenvolvimento de sectores energéticos independentes do petróleo. O Segundo recai sobre a manutenção de uma sustentabilidade fiscal.

Posto isto, a Síria apresentava em 2009 uma inflação no valor de 2,5%, com previsões de que esta aumentasse nos anos seguintes, atingindo 3,7% em 2010.

Com o ano de 2011 verifica-se uma viragem na estabilidade do país, devido à guerra civil que se iniciou, o que teve forte influência na economia Síria até ao ano de 2017. Com as alterações causadas pelo conflito o PIB, que em 2011 era de 64,7 biliões²⁸ de United States Dollar (USD), desce para 61,9 biliões de USD em 2013, para 55,8 biliões de

²⁷Dados consultados em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2241rank.html>

²⁸ Ao longo do trabalho os valores serão referentes ao USD e respectiva escala de grandeza.

USD em 2014, chegando a atingir valores de 50,28 bilhões de USD em 2015²⁹. Este padrão decrescente manteve-se, estando esta descida associada à intensificação do conflito.

Segundo um relatório do World Bank Damage and Needs Assessment conduzido em seis cidades sírias (Aleppo, Dar'a, Hama, Homs, Idlib e Latakia), os danos causados, desde o início da guerra civil, até ao ano de 2016 era de cerca de 7,2 bilhões de USD. Através deste relatório, foi possível à Organização das Nações Unidas (ONU) estimar valores num total de 75 bilhões de USD, para toda a Síria, referentes à destruição causada em infra-estruturas. Destes valores a ONU concluiu que seria necessário um investimento na ordem do 200 bilhões de USD para que o PIB sírio atingisse os valores do período pré-conflito, já que as exportações no sector petrolífero continuaram a descer³⁰ (Phillips, 2016).

Posto isto, prevê-se uma continuação do decréscimo dos valores PIB em cerca de 4% por ano, podendo estes valores aumentar devido ao intensificar do conflito em centros económicos as centrais de extracção e produção de petróleo e gás. Estes valores, associados a um valor do PIB per-capita de 2,9% em 2015, a uma taxa de desemprego de 50% e a uma vaga de 5,4 milhões de refugiados sírios no ano de 2017 demonstram assim a decadência em que se encontra a economia Síria e fraca perspectiva de melhoramento³¹.

2.6. Caracterização Militar

As FA Sírias³² encontram-se divididas em 3 ramos: Exército, Marinha Força Aérea. Sendo que o serviço militar é obrigatório, os jovens que realizem 18 anos tem de prestar serviço nas fileiras por um período de 18 meses. No entanto, existem diferenças entre géneros. Os jovens masculinos tem obrigatoriamente que servir nas FA, enquanto que, as jovens femininas, que não são obrigadas ao serviço militar, podem prestar serviço como voluntárias.

Desta forma, o governo Sírio consegue garantir cerca de 154 mil militares no ativo e 150 mil na reserva, o que totaliza 304 mil militares aptos para servir em caso de necessidade. Estes valores são resultado dos 502 mil jovens que, em média, atingem a idade de cumprir serviço militar, dentro dos 10.000 mil Homens – entenda-se cidadãos de ambos os sexos – aptos ao serviço militar.

²⁹ Dados acedidos em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>.

³⁰ “Revenues from oil exports decreased from US\$4.7 billion in 2011 to an estimated US\$0.14 billion in 2015 as most of Syria’s oil fields are outside government control” (European Commission, 2011)

³¹ Ver anexo F.

³² Dados referentes a 2017 acedidos em <https://www.globalfirepower.com/countries-listing.asp>

O Exército Sírio tem ao seu dispor cerca de 4,6 mil Carros de Combate e 4,5 mil viaturas blindadas, nas quais se incluem as Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP) e as Viaturas Blindadas de combate de Infantaria (VBCI). Ainda dentro do Exército há a realçar a existência de aproximadamente 2 mil obuses e 4 centenas de obuses autopropulsados, havendo ainda cerca de 6 centenas de sistemas de lança foguetes, no que à artilharia diz respeito.

Por sua vez, a Marinha Síria tem ao seu dispor um total de 56 embarcações. Destas 56, há a destacar a existência de 2 fragatas, 14 navios patrulha e 7 navios draga-minas. Os restantes materializam outras classes de navios dedicadas ao apoio logístico e transporte.

Por último, a Força Aérea conta com cerca de 225 aviões de ataque, dos quais 206 são caças. Quanto a aeronaves de asa móvel, a Síria tem ao seu dispor um total de 167 helicópteros, dos quais 28 são helicópteros de ataque. Por último, existem ainda 142 aeronaves destinadas ao transporte tático e apoio logístico. Não menos importante, para a compreensão do potencial militar Sírio, são os gastos e defesa que rondam 1,8 biliões de dólares.

A Síria é assim um Estado que, em matéria de defesa, ao ser comparado com outros Estados da região do Médio Oriente, se encontra situado em 6º lugar, ficando atrás dos seus vizinhos Turquia, Israel.

De igual forma, a Síria encontra-se também referenciada com sendo militarmente mais fraca que o Egipto, que o Irão e que a Arabia Saudita. Esta escala, onde se avaliam militarmente 15 Estados da região, tem em consideração fatores como os expostos anteriormente, assim como o acesso destes Estados a recursos naturais, a geografia do país e a economia e a população. É também segundo estes critérios que, ao compararmos a Síria com outros países do mundo, verificamos que esta se encontra em 44º lugar, num total de 133 países.

Usando Portugal como forma de referência, estes estudos referentes a 2017, indicam que Portugal, na escala mundial ocupa a 62º posição, sendo a tabela liderada pelos EUA, seguidos em 2º pela RUS. Desta forma, conclui-se que apesar das dificuldades económicas a Síria é um Estado com relevantes capacidades militares. Estas capacidades por sua vez materializam-se essencialmente no poder terrestre e aéreo, sendo que no âmbito naval as capacidades Sírias são limitadas.

CAPÍTULO III – A Guerra Civil na Síria

3.1. A Guerra Civil Síria

A Guerra Civil Síria é o maior desastre humano do século³³ XXI. Desde o seu início, estima-se que já tenham morrido mais de 470 mil pessoas e 1,9 milhões tenham ficado feridas. Mais de 4,8 milhões de habitantes deixaram a Síria e 6,6 milhões encontram-se deslocados, valores estes que representam mais de metade da população Síria antes do conflito. Após dois anos de conflito, metade dos hospitais Sírios tinham sido fechados, apenas metade dos jovens sírios tinham possibilidade de frequentar escolas e 80% da população vivia na pobreza. A economia síria foi fortemente abalada, grandes centros urbanos foram destruídos durante os confrontos entre as partes e a esperança média de vida baixou dos 70 para os 55 anos.

Este conflito iniciou-se em Março de 2011, na cidade de Deraa, na sequência do ocorrido na Tunísia e no Egipto — no âmbito da Primavera Árabe. Quando as manifestações pacíficas, levadas a cabo pela oposição ao regime de Bashar al-Assad, foram reprimidas com recurso à violência, resultaram várias mortes de manifestantes, o clima de protesto acentuou-se e a revolta alastrou-se a outras cidades sírias.

O governo infiltrou agentes nas manifestações pacíficas para que estes incentivassem ações violentas contra as forças governamentais, com recurso a armas de fogo, o que legitimou a utilização de força letal como forma de conter as rebeliões (River, 2018).

Perante este clima de violência crescente, começaram a aparecer movimentos populares e milícias localizadas como forma de proteger os manifestantes e a população. Muitas destas milícias, lideradas e organizadas por militares das FA sírias descontentes, tornaram-se numa forte frente de oposição ao regime. Desta forma, os confrontos entre grupos rebeldes e forças do regime tornaram-se comuns, dando origem a uma guerra civil³⁴.

De acordo com Philips (2016), as forças rebeldes, cuja actuação era descentralizada e inspirada em diferentes ideologias, convicções religiosas e etnias, proporcionaram o alastramento do clima de instabilidade. Com estas divergências não foi possível criar uma

³³ A Guerra do Afeganistão, num mesmo período temporal (2009-2017) segundo a ONU, registou 28 291 mortos e 53 366 feridos (UNAMA, 2017).

³⁴ O conflito Sírio pode caracterizar-se como sendo uma Guerra Civil, dadas as características das partes em conflito.

estratégia clara para derrubar o regime de Bashar al-Assad, abrindo caminho à afirmação de grupos radicais islâmicos como o autodenominado Estado Islâmico (ISIS).

Em contrapartida, a obsessão de Assad relativa aos protestos regulares, fez com que este nomeasse Maher, seu irmão, como principal responsável no combate aos rebeldes. Maher, à semelhança do que ocorrera trinta anos antes, desempenhou um papel similar ao de Rifaat — irmão de Hafez al-Assad, que era comandante da quarta divisão mecanizada da Guarda Republicana, responsável por controlar a insurgência da Irmandade Muçulmana nas décadas de 1970-1980 (Phillips, 2016)

Os métodos violentos e opressores agora utilizados não foram capazes de controlar os protestos. A utilização de gás pimenta e de munições reais como forma de controlo dos protestos tornou-se tão comum quanto os inúmeros funerais das vítimas dos confrontos entre rebeldes e forças pró Assad. Desta forma iniciou-se um ciclo, na medida em que os funerais das vítimas rebeldes suscitavam uma maior revolta, resultando em novos protestos, com mais vítimas mortais (Phillips, 2016).

A acrescentar a isto, há ainda a perseguição levada a cabo pelo regime à população. Em cidades como Dara'a, onde existia uma maior atividade por parte da oposição, foram implementadas medidas como o recolher obrigatório entre as 19h00 e as 07h00. Os residentes desta cidade viram serviços como a rede eléctrica, a rede telefónica e até a água canalizada a serem cortados, assim como assistiram a um aumento da dificuldade em aceder a bens de primeira necessidade. Residentes locais, com ou sem ligações à rebelião, tiveram de lidar com detenções arbitrárias e até com tortura (Phillips, 2016).

Não obstante as medidas impostas, a CI mostrou-se incapaz de influenciar eficazmente o regime de Bashar al-Assad. Após o pedido para que Assad se afastasse do poder, os Estados opositores ao regime sírio cogitaram possíveis sanções a aplicar na Síria, visando dar cumprimento às suas posições e interesses. Desde a intervenção militar, sanções económicas, financeiras e comerciais, até ao apoio militar à oposição, foram várias as opções consideradas e discutidas em *fora* internacionais.

A União Europeia (EU) e os EUA aplicaram sanções, tendo em vista afectar o funcionamento de instituições do regime sírio. Aqui destaca-se a decisão de aplicar restrições à importação de hidrocarbonetos de origem Síria.

A Turquia, por sua vez, impôs um embargo ao comércio de armamento e suspendeu todas as relações com o Banco Central Sírio (BCS)³⁵.

A Liga Árabe, liderada pelo Qatar, decidiu pela aplicação de sanções económicas que congelaram as negociações com o BCS e com o governo, suspendendo o financiamento à construção de infra-estruturas e interrompendo as ligações aéreas de e para a Síria.

Apesar das medidas levadas a cabo pela UE terem tido as mais efectivas, não foram suficientes para provocar uma substituição do governo, ou induzir uma alteração significativa nas políticas e nas práticas governativas. Contudo, estas medidas tiveram um forte impacto na economia Síria.

Como refere Philips (2016), estas sanções visaram três propósitos fundamentais:

- em primeiro lugar, através de um enfraquecimento da economia, pretendia-se que as elites sírias cessassem o seu apoio a Bashar al-Assad e ao regime por ele liderado;
- em segundo lugar, procurava-se um aumento do custo do conflito para o regime³⁶ (capital político, económico e militar negativos); e
- em terceiro lugar, as sanções impostas visavam também transmitir a ideia de que os EUA, a UE, a Liga Árabe e a Turquia reprovavam os factos políticos e militares ocorridos na Síria.

Apesar de todas as sanções, estes propósitos não foram atingidos na sua plenitude. Por um lado, houve uma sobrevalorização do peso dos agentes económicos sobre o processo de tomada de decisão política no regime de Bashar al-Assad. Por outro lado, também se constatou que as elites sírias se encontram fortemente ligadas ao governo, dependendo da sobrevivência deste para a manutenção do seu próprio *status quo*. Também é relevante referir que as principais companhias sírias — por exemplo, Maxima Middle East Trading, Morgan Additives Manufacturing e Pangates International — conseguiram

³⁵ O BCS é a instituição bancária central da Síria. O objetivo do banco é, segundo a própria instituição, promover a integridade da estabilidade e a eficiência dos sistemas financeiros e de pagamentos do país, de modo a promover o melhor progresso macroeconómico.

³⁶ “As Robert Ford told the Senate Committee on Foreign Relations in March 2012, sanctions aimed at making it harder for the government to pay for its repression, to pay for its military and security forces” (Phillips, 2016, p. 88)

encontrar alternativas aos países que impuseram sanções. Isto foi conseguido através de relações comerciais com outros Estados conduzidas com recurso a paraísos fiscais³⁷.

Os resultados insuficientes produzidos pelas sanções económicas, financeiras e comerciais conduziram a um maior envolvimento no conflito por parte de atores externos. Por não produzirem efeitos num curto espaço de tempo, Arábia Saudita, Irão, Israel e Turquia passaram a apoiar algumas das partes em conflito, arrastando consigo a intervenção dos EUA e da RUS.

3.2. Atores do Conflito

Uma correcta compreensão da Guerra Civil Síria exige uma sistematização das partes em conflito. Isto é importante na medida em que o estudo dos actores permite compreender e antever as opções adoptadas ao longo do tempo, seja sob o ponto de vista militar, político ou económico (IESM, 2014). Por esta via, é também possível estabelecer formas de combate, através de uma actuação dirigida aos CoG destes atores.

No território sírio, confronta-se um elevado número de atores antagónicos. De acordo com um critério geográfico, podemos organizar estes atores em intervenientes internos e externos. O atores internos são organizados em dois grandes grupos: as forças do regime e as forças da oposição.

Bashar al-Assad, enquanto Presidente da Síria, personifica o Regime e constitui-se como uma peça fundamental no conflito. Concomitantemente, ele é secretário do Comando Regional do partido Baath³⁸ e, à semelhança da generalidade dos membros do seu governo, pertence à minoria étnica shiita (Parra, 2015).

O presidente sírio constitui-se como CoG do regime sírio, sendo sustentado pela lealdade das FA sírias e pelos apoios externos provenientes do Irão e da RUS. A manutenção do regime shiita, liderado por Bashar al-Assad, depende em larga medida da preservação de um conjunto de capacidades e requisitos críticos (RC): a já citada fidelidade e lealdade das FA sírias; manutenção estratégica da relação com o Irão e com a RUS; e pelo cumprimento do programa de destruição de armamento químico.

³⁷ “What the 11.5 million leaked documents reveal is that three Syrian companies close to the government used the already infamous Panama-based law firm Mossack Fonseca to create shadow or shell companies in the Seychelles to avoid the increasing pressure of global sanctions”. Dados acedidos em <https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/04/seychelles-saved-syria-160407085452247.html>

³⁸ O partido Baath é um partido de ideologia socialista de carácter nacionalista secular.

As grandes vulnerabilidades críticas (VC) do regime sírio residem na dependência extrema da disponibilidade, intensidade, liberdade de acção e vontade do apoio iraniano e russo, bem como na baixa representatividade dos shiitas no quadro da população deste Estado. Em suma, a liderança de Bashar al-Assad não é viável sem a lealdade e o apoio de determinados grupos políticos nacionais e internacionais (IESM, 2014).

A oposição ao regime configura-se como outro grupo de atores intervenientes na Guerra Civil Síria. Ela não se apresenta como um grupo coesa e coerente, sendo constituída por diversas organizações armadas, com objectivos político-estratégicos distintos.

De acordo com os dados disponibilizados (Phillips, 2016), estima-se que as forças opositoras ao regime tenham um efectivo de cerca de 120 mil membros: aproximadamente 50 mil pertencem ao Exército da Síria Livre; cerca de 37 mil rebeldes; 13 mil rebeldes fazem parte da Frente Islâmica Síria; 15 mil rebeldes pertencentes a grupos como o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), as Unidades de Protecção Popular (YPG); e 6 mil rebeldes pertencentes à organização Jabhat al-Nusra³⁹. Há ainda a realçar também a existência de um grupo, o ISIS, nos intervenientes internos. Estes, actuando isoladamente, procuram constituir um califado islâmico, sendo um grupo de natureza fortemente extremista.

No seio da oposição síria existem uma grande variedade de atores que, não obstante de almejarem objectivos diferentes. Estes atores partilham o mesmo CoG, designadamente a condução de uma campanha armada violenta, uma vez que é através desta que a oposição consegue a projecção dos seus ideais à escala nacional e internacional⁴⁰ (IESM, 2014).

No caso da oposição, é evidente que os apoios externos (que se manifestam através do apoio diplomático, financiamento e armamento) e o recrutamento (não só na Síria, mas também em Estados vizinhos ou de outros continentes).

O alinhamento estratégico segundo as directivas das potências opositoras ao regime, ao Irão e à RUS (seus aliados), a mobilização ideológica e motivacional e, por fim, o controlo de determinadas parcelas do território sírio, constituem-se como os principais RC dos grupos opositores.

Ainda que a conquista de território seja relevante, a falta de organização e coesão dos GR impossibilita a construção de uma frente comum e organizada de combate, o que

³⁹ Grupo radical islâmico que constitui uma variante da al-Qaeda. Ver Anexo B

⁴⁰ “A campanha violenta é um instrumento importante de atrição psicológica e material sobre o Regime de Assad e seus apoiantes” (IESM, 2014, p. 33). É através da eficiência da divulgação da sua campanha que a Oposição adquire “poder negocial com os seus aliados, apoiantes e inimigos”

representa uma grande vulnerabilidade. Em aditamento, não são desprezíveis os níveis de descontentamento da população, na medida que estes ditam a adesão dos populares à oposição. Desta forma as VC apresentadas surgem como meio de dispersar e dificultar o apoio externo à Oposição (IESM, 2014).

No que ao ambiente estratégico externo diz respeito, é possível identificar dois grandes grupos de intervenientes, nomeadamente: Estados que apoiam o regime sírio; e Estados e organizações internacionais que se opõem à manutenção do *status quo* na Síria.

No âmbito dos atores que apoiam a oposição ao regime temos a Arábia Saudita, os EUA, a Turquia, a Liga Árabe e a UE.

A Arábia Saudita é um Estado com uma população maioritariamente sunita e, desde há décadas, procura afirmar-se como potência regional no Médio Oriente. No cumprimento deste objectivo, a Arábia Saudita compete com o Irão.

Os EUA pretendem limitar a influência e preponderância da RUS no Médio Oriente e, mais concretamente, na Síria.

A Turquia, enquanto Estado pertencente ao mundo muçulmano, procura aumentar o seu impacto dentro desta esfera, com a finalidade de se afirmar. O Estado Turco também procura conter as aspirações independentistas Curdas, afastar a instabilidade das suas fronteiras e manter relações políticas, económicas, diplomáticas e militares próximas com os pais da UE e com os membros da NATO.

A Liga Árabe através dos seus Estados membros⁴¹ pretende evitar uma intervenção militar externa, mantendo forças estrangeiras fora do território sírio. Tal posição tem como objectivo evitar que a Guerra Civil Síria escale para uma Guerra Árabe (IESM, 2014).

Por sua vez, a UE procura evitar a expansão do conflito para um de escala transnacional e marcadamente jhiadista. A União pretende garantir uma Turquia estável e reduzir instabilidade nas margens do Mediterrâneo Oriental. Procura também uma democratização do Médio Oriente, através da promoção de uma transição pacífica do regime autoritário sírio para uma democracia.

Por outro lado, entre os atores que apoiam Bashar al-Assad, temos importantes intervenientes como o Irão e a RUS.

O Irão procura afirmar-se como potência regional e consolidar a sua influência no Médio Oriente. Paralelamente, o Irão procura defender o shiismo, através do apoio à minoria shiita que governa a Síria há cerca de quatro décadas.

⁴¹ Ver Anexo E

A RUS pretende reafirmar-se como grande potência, através da manutenção do acesso aos territórios a sul do Cáucaso, da sua importante base militar em Tartus, Síria, e do estabelecimento de um equilíbrio de poderes que dificulte ou impeça o controlo Americano sobre a esmagadora maioria dos Estados do Médio Oriente.

3.3. Causas/Motivações do Conflito

Ao logo do presente capítulo, verificamos que o conflito Sírio tem na sua génese vários factores. Esses variam desde os factores interno até aos externos. Numa fase inicial do conflito, os factores de origem interna foram os principais responsáveis pelo despoletar das hostilidades. Contudo, num conflito que se estende até aos dias de hoje, os factores de origem externa detêm um papel muito relevante no quadro da sua manutenção e da aparente ausência de solução.

Podemos então referir que perante o conflito vivido na Síria, de qual são parte integrante diversos actores, existem cinco factores-chave identificados para a sua causa (IESM, 2014), particularmente:

— a influência do fenómeno das revoltas da Primavera Árabe: este fator reflete o efeito “dominó” causado pela Primavera Árabe. A população Síria, descontente com as condições e circunstâncias em que vivia, viu no que ocorrera noutros Estados do mundo árabe uma oportunidade para depor o regime autoritário que domina a Síria. Desta forma, o povo sírio iniciou uma onda de protestos, reivindicando a saída de Assad do governo. Estes protestos constituíram-se como uma ameaça à segurança do regime, que iniciou uma repressão violenta destes protestos. Aqui se destaca o recurso à violência armada, resultando em mortes de civis e na amplificação do descontentamento popular;

— conflito de interesses entre potências regionais e globais: não só por parte dos actores regionais como também por parte de actores externos ao Médio Oriente. Contudo, em ambas as circunstâncias as razões destes actores são semelhantes: procurar afirmar o seu controlo sobre a região. Isto leva a um conflito persistente do qual resulta a manutenção do presidente Bashar al-Assad no poder. Ao nível regional, a Síria encontra-se situada entre duas potências regionais, a Arábia Saudita e o Irão. Estas duas potências regionais competem entre si pela afirmação como potência regional, sendo que a Síria sofre algumas das consequências desse antagonismo;

— ditadura sob controlo de uma minoria étnica: no Estado sírio estão presentes duas grandes facções entre muçulmanos — shiitas e sunitas. Os shiitas, que representam uma minoria, são a parte da sociedade que ocupa os mais altos cargos políticos. Os sunitas, por sua vez, representam a grande maioria da população. Posto isto, existe um sentimento geral de descontentamento e marginalização no seio da população sunita. Para este sentimento de descontentamento, contribui o facto de o regime vigente proibir a criação de qualquer forma de oposição, impossibilitando assim a representatividade da totalidade população. Dada esta falta de representatividade, surge então espaço para que se gerem estruturas infranacionais, com maior ligação à maioria da população, que disputam o poder. Este falta de representatividade associada ao já referido, funcionou como gatilho para o início das confrontações;

— crescente oposição ao Regime Sírio: com o conflito armado, o caos e a instabilidade instalaram-se na Síria e proporcionaram as condições para o surgimento de grupos opositores ao regime. Entre estes destacamos grupos que, aproveitando-se da destruturação política e social, procuravam satisfazer interesses próprios, alguns de carácter religioso⁴². Exemplo disto é o caso do ISIS. A fragmentação da oposição, associada à ameaça da utilização de armas químicas, dificultou eventuais compromissos diplomáticos limitadores da escalada do conflito;

— agravamento da crise humanitária: os danos causados pelo conflito armado assumem uma dimensão tal que se identifica claramente uma situação de crise humanitária. O número mortos, o número de pessoas desalojadas e o número de refugiados assumiu proporções incontroláveis, o acesso a bens de primeira necessidade tornou-se muito limitado e a criminalidade aumentou⁴³. Da conjugação destes factos resultou uma vasta base de recrutamento para todos os grupos rebeldes e o aprofundamento no conflito e da crise humanitária;

Face ao exposto, na Guerra Civil Síria temos um conflito armado que resulta de um profundo choque de interesses geopolíticos, políticos, económicos, religiosos e étnicos. Encontramo-nos assim perante um conflito armado despoletado por graves divergências entre uma minoria que governa autoritariamente uma maioria de etnia diferente.

⁴² Desta forma, verificou-se uma incorrecta associação entre as reais causas do conflito com causas relacionadas com objectivos de índole jihadista, numa dimensão para além da fronteira Síria.

⁴³ Ver anexo C.

As manifestações levadas a cabo pelos populares e a forma violenta como foram reprimidas acabaram por catalisar o conflito e proporcionar a polarização das posições das várias partes.

O contexto político regional é, nesta crise, um factor chave para que se progredisse para uma guerra civil. Apesar das dinâmicas internas – por exemplo, a brutalidade do regime de Bashar al-Assad – serem comumente apontadas como as principais razões que tornaram inevitável a guerra civil, o papel desempenhado por actores internacionais não se afigura menos importante⁴⁴.

3.4. Intervenientes Externos

Durante o Outono e o Inverno de 2011/2012, assistiu-se a uma rápida expansão do conflito a todo o território. Esta situação coincidiu com a internacionalização do mesmo.

O pedido do então Presidente dos EUA, Barack Obama, para que Bashar al-Assad se afastasse do poder funcionou como impulso para que os opositores ao regime se posicionassem politicamente e procurassem apoio de actores estrangeiros – Estados e organizações internacionais (IESM, 2014).

Uma intervenção externa contra o regime de Assad seria assim uma grande vitória na campanha dos opositores ao regime. Contudo, a tão pretendida intervenção externa por parte da oposição carece de legitimidade. Esta falta de legitimidade advém de não se considerar ética ou lícita qualquer ingerência externa direta nos assuntos internos do Estado sírio. Assim, somente uma intervenção ao abrigo do direito ou do dever de ingerência humanitária seria considerada legítima⁴⁵.

Perante isto, *“os defensores de uma perspectiva intervencionista apontam as flagrantes violações dos Direitos Humanos dos cidadãos do país no que diz respeito à*

⁴⁴ Dado que uma situação de crise tem como formas de resolução: a guerra; a capitulação de uma das partes; o entendimento entre partes (Jiménez, 2016). Estas formas de resolução apresentam porem não apenas aspectos benéficos, podendo assumir consequências desastrosas. Contudo, estas consequências podem ser amenizadas caso se opte por um entendimento sob a forma de negociação, mediação, conciliação e arbitragem, de onde participam partes imparciais aos actores em conflito (Phillips, 2016).

⁴⁵ No âmbito do Direito Internacional um Estado tem associado à soberania responsabilidades para com a CI e para com os seus cidadãos (Evans et al., 2001). Neste sentido, surge em 2001 o conceito denominado de R2P que enumera três deveres principais de um Estado (Evans et al., 2001): *Responsability to Prevent*: os Estados são os principais responsáveis pela protecção das suas populações contra qualquer conflito ou catástrofe; *Responsability to React*: caso se verifique a incapacidade do Estado em adoptar medidas preventivas, caso estas falhem, ou caso o próprio Estado seja causador de situações que ponham em causa os Direitos Humanos, a responsabilidade passa para o campo da CI; *Responsability to Rebuild*: caso seja necessário recorrer a uma intervenção militar por forma a garantir uma protecção da população, é necessário que exista um compromisso de auxílio na reconstrução das infra-estruturas e serviços num período pós-conflito.

preservação da dignidade pessoal e integridade física, mas também à liberdade de expressão” (IESM, 2014, p. 36). Neste sentido, estaremos perante um incapacidade do Estado sírio para observar a *Responsability to Protect* (R2P). Desta forma, os actores externos ao conflito, recorrem à incapacidade plasmada no “*Responsability to React*” como forma de legitimarem uma possível intervenção em território sírio.

Os ataques realizados a 21 de agosto de 2013, em que se constatou a utilização deliberada de armas químicas por parte de Assad (United Nations, 2013), aumentaram a pressão internacional para que fosse realizada uma intervenção em território sírio. Contudo, uma intervenção com capacidade para anular o arsenal químico de Assad exigiria recursos humanos e materiais elevados ⁴⁶. Perante isto, a intervenção de opositores externos ao regime político sírio centrou-se em ataques cirúrgicos a alvos remuneradores⁴⁷ e que limitassem as capacidades militares das FA sírias. Isto levou a que a RUS adoptasse medidas de resposta, o que se veio a materializar através da projecção de mais forças terrestres, navais e aéreas para a sua base militar em Tartus.

Como sugerido pelo General Loureiro dos Santos (1983), estamos perante um deslocamento e concentração de forças numa dada região estratégica. Esta projecção de forças, ao que se associa a condução de exercícios e de operações militares reais de carácter limitado e pontual, representa uma demonstração de força e uma clara demarcação de posição e de intenções.

Em certa medida, estamos perante duas grandes potências que intervêm directa e indirectamente na Guerra Civil Síria e que fazem deste conflito armado uma *proxy war*. Aliás, é a competição indirecta entre EUA e RUS na Síria que mais projecta consequências globais decorrentes deste conflito armado.

⁴⁶ Segundo valores publicados Pentágono, seriam necessário um efectivo de cerca de 75 mil militares no terreno. Dados acedidos em https://www.nytimes.com/2012/11/16/world/middleeast/pentagon-sees-seizing-syria-chemical-arms-as-vast-task.html?pagewanted=all&_r=1

⁴⁷ Como por exemplo a base aérea síria de Al Shayrat em Homs.

Capítulo IV – Impacto Global do Conflito

4.1. Introdução

A Guerra Civil Síria detém um impacto que, materializado nos interesses de grandes potências como os EUA e a RUS, extravasa as fronteiras do próprio território. Posto isto, é necessário que se entendam quais são estes objectivos por forma a melhor compreender as consequências deste impacto e em que medida se torna global.

4.2. Objectivos no Conflito Sírio: EUA, Federação Russa

Na última década a RUS tem manifestado de forma cada vez mais clara o intento de se reafirmar como grande potência. Desta forma, *“poder-se-á afirmar, sem grande margem de erro, que o país se encontra numa nova fase de recuperação da sua influência estratégica, processo que no entanto apenas é possível devido à alavancagem possibilitada pelos seus recursos naturais”*(Cohen, 2015).

Para esta reafirmação, é necessário que a RUS estabeleça relações de confiança com os Estados da região, de forma a consolidar o seu prestígio enquanto parceiro fiável. Compreender a posição russa, é também perceber que a RUS pretende afirmar-se como mais benevolente relativamente a regimes autoritários.

No caso da Síria, a RUS mantém uma longa relação de proximidade, afirmando-se como aliado indispensável à política de Bashar al-Assad. A RUS surge também como um importante fornecedor de armamento, possibilitando que as FA sírias mantenham a sua capacidade ao longo do tempo.

Além disso, a RUS tem-se revelado essencial, porquanto tem recorrido ao direito de veto das resoluções de segurança das Nações Unidas, impedindo a aprovação de medidas prejudiciais ao cumprimento dos objectivos do regime sírio (IESM, 2014). Esta capacidade é um factor bastante importante nas relações entre Damasco e Moscovo.

De igual forma, a RUS procura impedir a expansão de radicalismos islâmicos e preservar o respeito pelo princípio de não-ingerência nos assuntos internos por parte de outros Estados.

Finalmente, a RUS pretende afirmar-se como potência global.

Os EUA, após o mandato de Obama iniciaram uma política na qual, atribuem prioridade às questões internas do seu país. Isto deixa assim um vácuo de poder norte-americano numa série de Estados, nos quais a RUS pretende intervir. O Médio Oriente é

um caso claro disto. Posteriormente aos conflitos no Iraque e no Afeganistão, verifica-se uma dificuldade por parte do Ocidente em obter apoio da opinião pública⁴⁸ para uma possível intervenção militar de larga escala, pelo que esta se torna pouco provável (Reis, 2009).

Ao considerar a intervenção russa na região, os EUA têm vindo a procurar contrabalançar os poderes presentes na região. Por outro lado, os EUA visam também evitar um contágio da Guerra Civil Síria ao Iraque. Nesta medida, os EUA também procuram assegurar o cumprimento do seu compromisso de defesa do Estado de Israel (Fânzeres, 2014).

4.3. Política Externa com Influência no Médio Oriente: EUA, Federação Russa

4.3.1. Política da Federação Russa

A política externa da RUS visa a criação de um sistema estável e sustentável de RI baseado na aceitação das normas do DI, no princípio da igualdade de direitos, respeito mútuo e na não ingerência nos assuntos internos dos Estados, a fim de assegurar a segurança para cada um dos membros da CI⁴⁹.

Constituindo a RUS uma entidade geopolítica com uma dimensão territorial e potencial à escala global, é possível constatar que tal é naturalmente gerador de uma ambição estratégica proporcional. Permanente uma disputa entre os objectivos estratégicos e políticos com a capacidade necessária para os concretizar, define-se substancialmente o pensamento estratégico de grandes potências, em particular da RUS (Figueiredo, 2012).

A realidade que se tem verificado à escala global, assente num fenómeno de descompartimentação no plano económico, potenciado pela geopolítica e pela geoestratégia, representam dinâmicas limitadoras à intenção da RUS em reestabelecer o seu status no plano internacional. Dinâmicas contrárias, por parte de outros actores da CI, constituem-se como desafios, aos quais as elites da RUS terão de responder por forma a garantirem a sua reafirmação no novo ciclo que este Estado experimenta. Este novo ciclo,

⁴⁸ Dados acedidos em <http://leitor.expresso.pt/#library/expressodiario/01-03-2018/caderno-1/temas-principais/e-preciso-que-a-opinio-publica-exija-aco-es-imediatas-e-especificas-temos-que-pressionar-por-um-cessar-fogo-imediato>.

⁴⁹ Conceito de Política Externa da RUS, III. Prioridades da RUS na Superação dos desafios globais criando uma ordem mundial justa e sustentável, art 23. Aprovado pelo Presidente Vladimir Putin, 30 Novembro 2016, acedido em http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptICKB6BZ29/content/id/2542248.

marcado pela liderança de Putin, representa uma viragem na política interna russa. Desde 2000, primeiro mandato de Putin, que este presidente marcou a sua liderança através de uma política de maior assertividade perante os objectivos da RUS. Putin, com a sua forte influência política manifestada já durante o mandato do presidente Medvedev (Figueiredo, 2012), personifica

“o forte centralismo e autoritarismo que o regime russo evidencia, assim como uma menor integração da sua economia no plano global, se por um lado se constituem como claros obstáculos ao seu desenvolvimento, por outro poderão garantir-lhe algum espaço de manobra e liberdade de ação, especialmente se conjugados com a sua situação de relativa auto-suficiência”(Reis, 2009).

A RUS depara-se assim com desafios cruciais à sua afirmação externa. Desafios que, potenciados pelo crescimento económico marcado pela política do século XXI e pela reserva de recursos naturais presentes no seu território, o Estado procura definir numa política externa com várias linhas de acção. Procurando actuar nas várias regiões do globo onde a sua influência representa uma clara vantagem para a persecução das suas políticas, a RUS detém uma política concreta para com alguns actores.

4.3.1.1. Relativamente aos Estados Unidos da América

A implosão do União Soviética criou vazios estratégicos nos espaços por si controlados anteriormente. Estes vazios surgiram devido ao claro enfraquecimento do bloco soviético no final da Guerra Fria. O declínio deste grande actor estratégico permitiu assim a manutenção do poder nos EUA, transformando-se este no único polo de poder à escala global, marcando assim o sistema internacional (SI) através de um carácter unipolar. Uma vez que os EUA se apresentam como um actor de grande potencial por parte da oposição ao regime de Assad, é sobre este que recai uma maior atenção por parte da política externa russa. Numa tentativa de recuperar o estatuto internacional do tempo da União Soviética, a RUS, encontra nos EUA o actor que maioritariamente se opõe a esta intenção. A RUS identifica a actual conflitualidade política e social no mundo árabe, o sistema antimíssil Europeu, o alargamento da NATO, a intenção de liderar o subsistema Ásia Pacífico, o programa nuclear iraniano e a situação securitária e a estabilidade na Ásia Central, como sendo os pontos de fricção de maior dificuldade de resolução, resultando numa elevada probabilidade de deterioração das suas relações com os EUA, que pretendem manter o SI polarizado sobre si (Fânzeres, 2014). Como resultante disto, os EUA representam o maior rival russo, estando apenas equiparados a estes ao nível da capacidade nuclear, mantendo esta última aberta a capacidade negocial estratégica entre ambos.

4.3.1.2. Relativamente à União Europeia

A RUS constitui-se como uma poderosa força periférica no flanco Este Europeu. A UE, sendo um espaço geopolítico no qual a RUS não consegue integrar política, económica e militarmente, exerce inevitável influência sobre este. Desta forma é necessário admitir um quadro relacional baseado na cooperação e na competição. No que ao relacionamento energético diz respeito, a tipologia relacional é fundamentalmente marcada por uma dependência energética crónica por parte dos Estados da UE (Fânzeres, 2014). Não havendo perspectivas de uma eventual redução substancial desta dependência⁵⁰, este vector energético constitui-se como o centro de gravidade relacional entre a UE e a RUS. Desta forma, verifica-se na dependência energética da UE uma forma de coacção passível de ser utilizada como meio de negociação entre os interesses conflituais da política externa da RUS e da UE. Apesar disto, é do total interesse russo que a UE se mantenha economicamente estável, na medida em que 40% das exportações russas tem como destino final a UE (European Commission, 2011). Desta forma, verifica-se que uma confrontação entre estes dois actores no conflito sírio, pode representar implicações directas entre ambos (Cohen, 2015).

4.3.1.3. Relativamente à NATO

A NATO é organização da qual resulta um relacionamento profundamente marcado por um clima de desconfiança. Os EUA, enquanto potencia claramente líder da organização, apresentam-se como causa para este clima de desconfiança, dado o quadro relacional americano-russo resultante do período da Guerra Fria. Inicialmente a existência da União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) constituída razão necessária e suficiente para justificar a existência da NATO. Actualmente, por via da implosão da URSS, não se justifica a existência da NATO com a finalidade de defesa relativamente a esta antiga ameaça. Contudo, novas ameaças e riscos surgiram no vazio estratégico gerado. Desta forma, a organização atlântica não só manteve intacta a sua estrutura, como também a aumentou. A entrada de novos Estados membros materializa uma ameaça à RUS. Ficando cada vez mais reduzido o espaço entre Estados NATO e a RUS, menor é a área que a RUA detém para a sua sobrevivência e integridade. Ao considerar este alargamento como ameaça, com objectivos vitais, a RUS procurou assumir uma posição. Contudo, o

⁵⁰A caso de exemplo, veja-se as intenções Alemãs de fechar todas as suas centrais nucleares até 2022. Dados acedidos em <http://edition.cnn.com/2011/WORLD/europe/05/30/germany.nuclear.plants/index.html>.

período de relativa crise na política interna russa (1991-2000) não permitiu que esta assumisse uma posição privilegiada para impor os seus interesses. A significativa melhoria das finanças da RUS, associada a uma maior estabilidade política interna com Putin, aumentou o clima de tensão NATO- RUS. A instalação de um escudo de defesa antimíssil no Mediterrâneo e em países europeus da Aliança, que são fortemente apoiados pelos EUA, acentuou de forma significativa o clima de tensão. Esta acção por parte da NATO foi, em Moscovo, geradora de grande apreensão, na medida em que o sistema instalado detém suficientes capacidades de limitar significativamente a estratégia nuclear russa – porventura a única considerada como credível e fiável – vital para a sua defesa (Freire, 2008). Posto isto, tem-se que no quadro relacional RUS-NATO, a RUS considera que a NATO se deve dissolver por já não existir a ameaça do Pacto de Varsóvia. Segundo a visão da RUS, a NATO constitui, acima de tudo, um instrumento para a consecução dos interesses nacionais dos seus estados membros. Por fim, a NATO assume um papel de policia global, com uma estratégia de intrusão na esfera de influencia russa. Desta forma é possível identificar um agravar do relacionamento de hostilidade, não se prevendo, com a liderança de Putin e o desenrolar do conflito sírio, uma provável alteração deste quadro relacional.

4.3.1.4. Relativamente à Turquia

É também no âmbito energético que a Turquia surge como alvo da política externa da RUS, com impacto no conflito sírio. A Turquia constitui-se como um actor fundamental no que diz respeito ao abastecimento de petróleo e gás natural à Europa. Um crescente fornecimento destes recursos, com origem na Síria e em Estados do Médio Oriente, irá resultar numa redução das importações europeias destes recursos à RUS e consequente perda de importância russa enquanto fornecedor energético. Do mesmo modo, a própria Turquia deixaria de ser um importador assíduo destes recursos à RUS. Não menos importante, a Turquia constitui-se actualmente como um dos mais importantes parceiros no relacionamento bilateral russo. Este relacionamento, para além dos benefícios económicos entre as partes, resulta igualmente da crescente afirmação da Turquia como actor líder na região. Perante isto, a Turquia materializa através da projecção desse estatuto, a forma a evitar o alastramento de possíveis conflitos regionais para o flanco sul russo (Pifer, 2012).

4.3.1.5. Relativamente ao Médio Oriente

Nesta região do globo fortemente marcada pelo fenómeno da Primavera Árabe, a RUS, por se constituir como apoiante da maioria dos regimes alvo das mudanças, assumiu uma posição de relativa passividade. Em grande parte, pela forte presença consolidada dos EUA, como principal actor externo, a política externa russa na região encontra-se caracterizada por objectivos de âmbito limitado. Entre esses objectivos, destaca-se, com maior relevância para o conflito sírio, a intenção de manter os interesses económicos da RUS na região. Para isto, a criação e manutenção de relações de estabilidade multilaterais com os actores locais é essencial e necessário. Paradoxalmente, este processo complexo e instável apresenta-se também como sendo passível de afectar e deteriorar a influência da RUS noutras áreas da região (Fânzeres, 2014). Dada a diversidade étnica e religiosa da região, a RUS ao se assumir como apoiante de um dos actores locais, é automaticamente referenciada como ameaça pelas restantes partes⁵¹. Porém, a posição consolidada dos EUA na região enquanto Estado gerador de estabilidade e desenvolvimento, é tida em consideração de forma oposta por alguns Estados locais e grupos étnicos. Assim esta animosidade latente de parte desses povos para com os EUA, geradora de relativa ambiguidade e desconfiança no relacionamento entre partes, apresenta-se assim como uma excelente oportunidade de fazer vigorar a política externa russa para a região (Phillips, 2016).

A política externa russa no Médio Oriente tem-se tornado crescentemente visível com o retornar desta região à sua agenda, num quadro geográfico ampliado até ao Cáspio e Ásia Central. As opções russas de conciliação de interesses divergentes têm sido habilmente manobradas num cenário onde factores como a luta contra o terrorismo, a venda de armas e a necessidade de recursos energéticos petrolíferos e de gás, se tornam adjuvantes (Teixeira, Fonseca, Vinha, Freire, & Mendes, 2017). Posto isto, a política externa russa para a região e em particular para a Síria, tem como objectivo, através de um acordo estabelecido com o governo de Bashar al-Assad, capacitar o povo sírio para que este determine o seu futuro. Desta forma, a RUS apoia a unidade, a independência e a integridade territorial Síria como um Estado secular, democrático e pluralista, com todos os

⁵¹ Relembre-se o referido no Capítulo I, tendo presente os Estados assumidamente shiitas como o Irão (apoiados pela RUS) e sunitas como a Arábia Saudita (apoiados pelos EUA).

grupos étnicos e religiosos coabitando em paz e segurança com direitos e oportunidades iguais⁵².

Conclui-se então que a RUS procura no conflito sírio a prossecução do principal objectivo da sua política externa: o reconhecimento da RUS como grande potência (Teixeira et al., 2017), mantendo áreas de actuação que funcionem como zonas tampão por forma a agir e reagir a acções dos EUA.

4.3.2. Política dos Estados Unidos da América

Desde o início do século XX que os EUA se tornaram na maior potencia mundial. Este estatuto tem vindo a ser mantido através de uma política externa comum entre as administrações dos diferentes líderes americanos. Centralizada nos recursos naturais e humanos, os líderes americanos recorreram a uma política focada no poder económico, político, cultural e militar por forma a moldar o comportamento de outros Estados. Com esta política, os EUA pretendem criar uma ordem internacional que salvguarde os seus interesses. Desta forma, perante um mundo globalizado cada vez mais interdependente, a melhor estratégia para assegurar a prossecução dos interesses nacionais passaria necessariamente por meios internacionais, onde a manutenção da ordem internacional sob tutela americana é essencial. Posto isto, é visível uma actuação neste sentido, na medida em que o poder e a influência americana se têm multiplicado através da promoção de instituições internacionais⁵³ que tem contribuído para suprimir conflitos entre grandes potências (Brands, 2018). Assim, segundo a ideia de que os EUA podem melhor alcançar a sua própria segurança e prosperidade ajudando os outros a se tornarem seguros e próspero iremos analisar a política externa dos EUA onde esta acarreta um impacto no conflito sírio (Fânzeres, 2014).

4.3.2.1. Relativamente à Federação Russa

Tendo a RUS como principal objectivo da sua política externa, a reafirmação e reconhecimento enquanto potência mundial, verificamos que existe um claro conflito desta política com a política externa dos EUA. Os EUA, que se pretendem manter como potência

⁵² Conceito de Política Externa da RUS, IV. Política Externa Regional da RUS, art. 93. Aprovado pelo Presidente Vladimir Putin, 30 Novembro 2016, acedido em http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents//asset_publisher/CptICk6BZ29/content/id/2542248.

⁵³ A título de exemplo: Fundo Monetário Internacional; Banco Mundial; Organização Mundial do Comercio; NATO; ONU.

hegemónica do SI, não podem permitir a ascensão de potenciais rivais ao estatuto de potência mundial. Tal acontecimento, pode por em causa as políticas e interesses dos EUA e comprometer a sua capacidade de atingir os seus objectivos políticos. Desta forma, existe, por parte dos EUA, uma política de contenção perante as perspectivas de crescimento da RUS que actualmente apenas se igualam aos EUA na questão nuclear (Teixeira et al., 2017). Contudo, num mundo que se apresenta cada vez menos polarizado existe a necessidade dos EUA estabelecerem políticas de cooperação com a RUS. Assim, dado o princípio defendido por Donald Trump – “*America First*” – o presidente dos EUA procura intervir decisivamente apenas em situações onde a segurança dos EUA esteja em risco (Teixeira et al., 2017). Desta forma, e dado a crescente influencia da RUS na região do Médio Oriente, existe uma intenção de se estabelecerem relações de maior cooperação internacional com a RUS⁵⁴. Desta colaboração, quer os EUA quer a RUS pretendem um combate mais eficaz aos grupos terroristas como o ISIS⁵⁵. Por fim, sejam quais forem os motivos reais dos EUA na Síria, segundo Nichols e Schindler (Clark, 2007), o que se apresenta como maior ameaça à hegemonia norte-americana é que os EUA tenham perdido a capacidade para gerir unilateralmente a ordem e a estabilidade nessa região, e que tenha que partilhar essa tarefa com a RUS, o Irão e, em menor medida, com a China.

4.3.2.2. Relativamente à Síria

O Médio Oriente representa uma das principais prioridades da política externa norte-americana durante o último meio século (Kern, 2006). Sendo o Médio Oriente a maior reserva de petróleo do Mundo, o Estado Sírio obtém a sua importância geoestratégica, para os EUA, na medida em que este se pode constituir numa rota de transporte de recursos energéticos para o Mediterrâneo. O interesse primordial dos EUA é assegurar o livre fornecimento de recursos fósseis aos mercados internacionais (independentemente de quem os proveja), com o fim de evitar a interrupção do fornecimento à sua economia e à dos seus principais aliados europeus. Caso este objectivo não seja possível de se concretizar, os EUA, procuram evitar que outro actor do SI assuma o seu lugar enquanto potência hegemónica (USA Government, 2017). A prossecução destes objectivos encontra no regime de Assad e na RUS a principal oposição. A RUS, enquanto detentora dos principais meios de transporte energético para o continente

⁵⁴ Dados acedidos em <https://www.nytimes.com/2017/01/07/us/politics/donald-trump-russia-united-states.html>.

⁵⁵ Dados acedidos em https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/2017121410077156-cooperacao-russia-eua-oriente-medio/.

Europeu, encontra no regime Sírio, e no eixo shiita, forma de evitar a construção de possíveis gasodutos que rivalizem com os seus (House, 2013). Uma segunda consideração estratégica, essencial para a compreensão da importância Síria na política externa dos EUA, é a proximidade do regime de Assad com o Irão. O Irão é, à semelhança da Síria, um Estado muçulmano assumidamente shiita. Desta forma, Síria e Irão estão ideologicamente ligados enquanto Estados que mantem a afirmação shiita na região em detrimento da maioria sunita. Assim, os EUA ao assumirem um papel activo no conflito sírio, procuram dissuadir o Estado iraniano no desenvolvimento do seu programa nuclear. A demonstração de capacidades levada a cabo pelas acções em território sírio na contenção do uso de armas químicas servem como forma de pressionar Teerão a desistir de um possível programa de armamento nuclear, mostrando que os EUA estão dispostos a actuar coercivamente na prevenção da utilização de armas de destruição massiva (Tabler, 2013). A acção dos EUA sobre Assad evita o crescimento de um Irão nuclear, que geraria uma nova escalada de violência no Médio Oriente. Os EUA, no caso particular da Síria, devem evitar a expansão do eixo shiita e das suas actividades, gerando assim mais segurança sobre alguns dos seus países vizinhos aliados como Israel, a Jordânia e a Turquia (Santos, 2011).

Perante o exposto, verificamos que num mundo cada vez mais globalizado, numa época em que o poder dos EUA perdeu posição relativa, apesar de fortemente destacado do de outras potências, este poder desempenha um papel fundamental. Assim, nenhum dos grandes problemas que afectam o SI, ou que afectam as demais regiões geopolíticas, se resolve sem a colaboração dos EUA (Santos, 2011).

CONCLUSÃO

A Guerra é uma realidade intrinsecamente ligada à história da Humanidade. Esteve presente no passado, está presente na actualidade e certamente irá marcar de forma semelhante o futuro. A Guerra Civil Síria constitui-se como um conflito de grande complexidade que marca a actualidade. Esta complexidade reflecte-se nas diferentes implicações deste conflito nas mais variadas áreas sociais, económicas e humanitárias. Posto isto, e perante o trabalho de investigação desenvolvido é possível retirar conclusões relativamente ao tema desenvolvido.

1. Resposta às Questões Derivadas

Ao longo dos capítulos que constituem esta investigação foram dadas respostas às QD levantadas inicialmente através de uma pesquisa bibliográfica e documental. Desta forma contribuiu-se assim para se alcançar uma resposta à QC desta investigação.

QD N°1 - “Quais são as causas da Guerra Civil Síria?”

Verifica-se que a Guerra Civil Síria resulta de uma conjugação entre factores internos e externos ao Estado Sírio. De entre os factores externos, a influência do fenómeno da Primavera Árabe e o conflito de interesses entre potências regionais e globais são os factores que se destacam com maior ênfase. Relativamente aos factores internos, as causas do conflito são a ditadura sob o controlo de uma minoria étnica shiita, resultando numa crescente oposição sunita ao regime no poder. O agravamento da situação de crise humanitária, marcada pela pobreza e pelo número de refugiados, é também uma consequência do comportamento opressor do regime que contribui de forma relevante para o desenrolar do conflito Sírio.

QD N°2 - “Quais as motivações das principais forças beligerantes?”

As forças que se confrontam na Síria são motivadas tanto por interesses próprios, como por interesses de actores externos. Estas forças podem dividir-se em duas partes: forças opositoras ao regime; forças leais ao regime. É em torno destas duas grandes divisões que se podem incluir todos os grupos em confronto na Guerra Civil Síria. Desta forma, do lado das forças opositoras ao regime encontra-se o Exército da Síria Livre, a Frente de Libertação Síria, o PKK, o YPG e a Jabhat al-Nusra. O Exército da Síria Livre procura depor o regime de Bashar al-Assad por forma a instaurar uma nova liderança mais

democrática e secular. A Frente de Libertação Síria, à semelhança do Exército da Síria Livre, procuram também derrubar do poder a família Assad, defendendo a instauração de um Estado sob a lei islâmica. O PKK e o YPG, organizações armadas Curdas, pretendem afirmar os seus direitos culturais e políticos para a população Curda. Posto isto, ambicionam a criação de um Estado Curdo com território compreendido entre a Síria, Turquia e Iraque. Para isto, é então necessário que Assad saia do poder, já que este não se encontra aberto a negociações neste âmbito. Desta forma, apesar das diferentes ideologias e objectivo, todas as forças da oposição tem o propósito comum – derrubar Bashar al-Assad do poder. De acordo com este objectivo comum surgem os actores externos EUA, NATO, UE e Arábia Saudita. Estes partilham deste mesmo objectivo, com a particularidade de que o interesse em ver o regime derrubado resulta de intenções económicos relacionados com a extracção e exportação de recursos fósseis. Do lado das forças leais ao governo de Assad temos as FA e Forças de Segurança Sírias, sendo que a RUS e o Irão se constituem como principais apoiantes. Estas forças, motivadas pelo apoio que recebem do regime e da sua íntima ligação com este, têm como principal objectivo manter o governo de Bashar al-Assad no poder. Directamente dependente da manutenção de Assad no poder, está a sobrevivência de entidades ligadas à família Assad que ocupam cargos de responsabilidade quer nas FA quer nas Forças de Segurança. Fortemente apoiado pela RUS e pelo Irão, o governo de Assad, FA e Forças de Segurança, pretendem manter-se no poder tendo em vista a manutenção do controlo político e social, mas também como forma de afirmação da identidade Síria enquanto Estado shiita.

QD N°3 - “Quais os objectivos que os EUA e a RUS pretendem alcançar na Síria?”

Verificamos que existe não só uma abordagem daqueles que são os objectivos pretendidos por ambos para a Síria, mas também uma abordagem relacionada com outros Estados e regiões com influência na Síria. Assim os EUA e a RUS pretendem alcançar objectivos que passam por Estados, Organizações e Regiões desde a UE, a NATO, a Turquia e o Médio Oriente. Para cada um destes existe um objectivo concreto que contribui para a concretização dos objectivos a alcançar na Síria. No caso dos EUA conclui-se que estes pretendem manter o seu status enquanto maior potência mundial negando a afirmação da RUS na região. Esta intenção materializa-se na influência que os EUA já exercem em Estados como a Arábia Saudita, Israel e Iraque, não deixando assim espaço à actuação da RUS. Por sua vez, a RUS, que tem como principal objectivo a sua reafirmação enquanto potência mundial, procura assegurar o controlo do monopólio de

hidrocarbonetos. O controlo deste monopólio é um elemento essencial para a política da RUS dado que através deste assegura uma forte medida de coacção para com os vizinhos europeus, resultante da sua dependência energética. Não menos importante é o interesse que a RUS detém em manter as suas instalações militares na Síria, em especial as navais. As bases navais da RUS na Síria, nomeadamente Tartus, materializam um acesso ao Mediterrâneo, constituindo assim uma importante alternativa às instalações na península da Crimeia.

QD N°4 - “Quais são as características que fazem da Síria uma região de elevada importância?”

Com esta QD procura-se perceber quais as características Sírias que a tornam importante por si só. Das características que atribuem importância à Síria destacam-se a sua localização geográfica e sua riqueza em recursos fósseis. A geografia Síria é marcada por uma localização que lhe confere uma posição relativa de importância. A Síria localiza-se entre a Europa, Ásia e África, materializando assim a ligação terrestre entre cada um destes continentes. Esta importância, resulta também da passagem dos principais gasodutos de hidrocarbonetos pelo seu território. Assim é possível a este Estado controlar a circulação destes recursos. Não menos importante, é a capacidade de a Síria aceder directamente ao mar Mediterrâneo. Através desta ligação a Síria tem a capacidade de escoar as suas produções para o mercado Europeu por via marítima. Da mesma forma, tem também a capacidade de influenciar militarmente as rotas comerciais da região. Relativamente aos recursos fósseis, a Síria constitui-se como um Estado de relevo. Apesar do seu impacto no que à comercialização e circulação de hidrocarbonetos diz respeito, a Síria é um Estado cuja economia assenta maioritariamente na exploração destes recursos. Por se localizar na região do globo onde se encontram dois terços das reservas mundiais de petróleo, a riqueza nestes recursos tornam a Síria num Estado importante já que daí pode advir um vasta fonte de riqueza.

2. Verificação de Hipóteses

Hipótese N°1 - “A guerra civil Síria é um conflito catalisado pelos interesses das grandes potências mundiais.”

O conflito Sírio tem envolvido em si vários actores. Dentro destes actores realçam-se Estados que dadas as suas capacidades e influência política, económica e militar se caracterizam como potências. Estes Estados, por terem ao seu dispor capacidades que os

superiorizam a outros, recorrem a essas capacidades para satisfazer aqueles que são os seus interesses. Dadas as características que tornam a Síria num Estado importante, existem potências regionais e globais que procuram obter no conflito forma de atingir os seus objectivos. Desta forma, esta hipótese confirma-se uma vez que potências como a Arábia Saudita apoiam forças opositoras ao regime de Assad com o intuito de alargar a liderança sunita na região. De forma semelhante, o Irão apoia Assad para garantir a presença de Estados shiitas na região. Os EUA e a RUS colocam na região meios por forma a apoiar directa e indirectamente forças em confronto, garantindo assim a sua presença na região numa tentativa de afirmação como potências. Por fim, temos também os interesses da UE em encontrar alternativas à dependência energética da RUS.

Hipótese N°2 - “As forças em conflito procuram não só satisfazer interesses próprios, mas também interesses de actores externos ao conflito.”

No seguimento da hipótese N°1, verificamos que existem potências que colocam interesses próprios no conflito. Não querendo, por sua vez, estas potências envolver-se directamente no conflito, o financiamento e o armamento das forças beligerantes é uma estratégia utilizada. As FA Sírias, o Exercito de Libertação Sírio, o PKK ou YPG encontram dificuldades no âmbito económico e militar que lhes limitam a sua actuação. Desta forma recorrem a apoios externos como forma de se financiar e armar. Contudo este apoio é apenas cedido na medida em que os interesses dos fornecedores são satisfeitos. É sabido que a manutenção de Assad no poder é do interesse da RUS, pelo que o sucesso das acções levadas a cabo pelas FA Sírias são benéficas. O mesmo se passa com as forças da oposição. Por terem um objectivo comum com outros actores como os EUA, encontram nestes possíveis aliados que garantem assim apoio para destituir o regime de Assad. Neste seguimento conclui-se assim a confirmação da hipótese N°2.

Hipótese N°3 - “A Guerra Civil Síria representa uma oportunidade de afirmação da política externa de potências mundiais como os EUA e a Federação Russa.”

A política externa de um Estado é uma ferramenta para afirmar a influência que este detém sobre outros. Os EUA e a RUS, duas das maiores potências mundiais, tem objectivos concretos para a região, em particular para a Síria. O apoio da RUS à unidade, independência e integridade Síria, para formação de um Estado secular e pluralista, mantendo o governo de Assad no poder juntamente com a intenção de se reafirmar na CI, constituem as principais directivas da política externa da RUS para a Síria. Os EUA, que

detém forte influência em vários Estados da região como a Arábia Saudita, Israel ou o Iraque, pretendem contrariar as tendências de afirmação russa, naquele que é um dos Estados onde a influência norte-americana pouco se faz sentir. Posto isto, o clima causado pela Guerra Civil Síria gera um ambiente de instabilidade ideal para a intervenção de actores externos de grande peso internacional. Assim, ao abrigo do DI e em defesa dos Direitos Humanos, o conflito Sírio possibilita a actuação dos EUA e da RUS em território Sírio, procurando estes atingir os seus objectivos para a região. Desta forma, conclui-se que a hipótese N°3 também s confirma.

Hipótese N°4 - “A riqueza Síria em recursos fósseis assim como a sua localização geográfica são um potenciador do conflito.”

A hipótese N°4 confirma-se. Sendo a Síria detentora de características que lhe conferem importância, das quais se destacam a sua localização geográfica e a sua riqueza em recursos fósseis. Na medida em que o desenvolver do conflito e a própria conclusão do mesmo influenciam o controlo sobre estas características, os interesses dos actores em conflito e consequentemente de quem os controla actualmente – governo – podem ser colocados em causa. Desta forma, a necessidade de exercer controlo sobre as características que atribuem importância à Síria é um potenciador do conflito já que quem exerça este controlo se encontra claramente beneficiado.

3. Guerra Civil Síria: Subsídios para uma compreensão do seu impacto global

Perante as respostas obtidas às QD e após se verificar em que medida as HI se confirmam ou não, é possível responder à QC –“*Em que medida a Guerra Civil Síria tem um impacto global?*”.

A Guerra Civil Síria, como qualquer guerra, resulta de um profundo choque de interesses entre duas partes em conflito. Como forma de procurar cumprir com os seus objectivo, as partes em conflito, recorrem aos meios políticos, económicos e militares para garantir a satisfação dos seus interesses. A título de exemplo, temos as sanções económicas impostas ao regime Sírio, a mobilização de meios militares navais e aéreos norte-americanos para a região, ou a instalação do sistema de defesa antimíssil russo em território Sírio.

Posto isto, conclui-se que Guerra Civil Síria tem um impacto global na medida em que tem consequências ao nível: das forças beligerantes e dos seus interesses; económico; geoestratégico. No que às forças beligerantes diz respeito, estas ao não terem capacidade

de actuar de forma independente e eficaz, procuram apoio financeiro, logístico e técnico em actores externos. Desta forma, os actores que estabeleçam esta relação de cooperação com qualquer uma das partes em confronto, torna-se uma parte envolvente no conflito. Assim verificamos que o conflito Sírio não se limita apenas às forças do regime e respectiva oposição, mas sim à RUS e Irão e EUA, Arábia Saudita, Iraque e UE que os apoiam respectivamente. Ao nível económico, o conflito assume uma dimensão global através da ligação em rede que caracteriza o SI. Uma alteração no normal funcionamento da rede comercial de hidrocarbonetos representa uma variação daquilo que são os preços destes recursos, tendo assim impacto na economia de todos os consumidores, produtores e intermediários. No âmbito geoestratégico, a Guerra Civil Síria adquire um impacto global, na medida em que, devido à importância da localização Síria, potências mundiais como os EUA e a RUS depositam na região recursos significativos tendo em vista a prossecução dos seus objectivos, respectivamente: manter-se como actor principal do SI evitando o crescimento de uma potência rival; reafirmar-se enquanto potência global.

Por fim, será que “*bastará a destituição de Assad e a democratização do regime, ao ponto de legalizar politicamente a oposição, para que os insurrectos abandonem a faceta belicista?*” (Phillips, 2016). Será que está nas mãos da CI evitar a criação de mais um Estado falhado? Quais serão as medidas a implementar por forma a encontrar uma resolução do conflito?

Tendo por base o trabalho realizado e perante as questões levantadas, torna-se pertinente e útil o desenvolvimento em futuras investigações de temas como:

- A importância do papel da ONU na resolução do conflito sírio;
- Interesses económicos e o seu impacto na Guerra Civil Síria;
- A política das grandes potências mundiais e a sua influência nos conflitos da actualidade;

Desta forma será possível dar-se um contributo para uma melhor compreensão do conflito e do rumo que este irá tomar num futuro próximo.

“*As a result, until the various external actors involved either have their goals sufficiently satisfied or cut their losses and leave the stage, the war is likely to continue in some form*” (Mearsheimer, 2001).

BIBLIOGRAFIA

- Baud, P. [et al]. (1999). *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Bessa, A. M., & Pinto, J. N. (2001). *Introdução à Política* (Vol II). Lisboa: Verbo.
- Brands, H. (2018). *American Grand Strategy in the Age of Trump*. Washington: Brookings Institution Press.
- Carvalho, J. S. (2009). *Segurança Nacional: Serviços de Informações e as Forças Armadas*. Segurança e Defesa n.º 11.
- Clark, W. (2007). *Hysteria Over Iran and a New Cold War with Russia: Peak Oil, Petrocurrencies and the Multi-Polar World*. Adedido a 13 de março em [http://iprd.org.uk/wp-content/plugins/downloads-manager/upload/Hysteria Over Iran and a New Cold War with Russia Peak Oil, Pet rocurrencies and the Emerging Multi-Polar World.pdf](http://iprd.org.uk/wp-content/plugins/downloads-manager/upload/Hysteria%20Over%20Iran%20and%20a%20New%20Cold%20War%20with%20Russia%20Peak%20Oil,%20Pet%20rocurrencies%20and%20the%20Emerging%20Multi-Polar%20World.pdf)
- Cohen, S. B. (2015). *Geopolitics, The Geogrphy of International Relations* (Third Edit). London: Rowman & Littlefield.
- Coser, L. A. (1957). Social Conflit and the Theory of Social Change. *The British Journal of Sociology*, Vol. 8, 197–207.
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia* (Vol. I). Lisboa: IAEM.
- Cruz, M. B. Da. (2015). *Politica Comparada*. (C. Editores, Ed.).
- Cymerman, H., & Oreg, A. (2018). *O Terror Entre Nós: A ameaça do Terrorismo Islamista ao modo de vida ocidental* (1º Edição). Porto: Porto Editora.
- Dias, C. M. M. (2005). *Geopolítica: Teorização Clássica e Ensinaamentos*. Lisboa: Prefácio.
- Dias, C. M. M. (2010). *Sobre a Guerra: Política, Estratégia e Tática*. Lisboa: Prefácio.
- Dias, C. M. M., & Sequeira, J. M. D. (2015). *Estratégia: Fundamentos Teóricos* (Tomo I). Lisboa: Letras Itinerantes.
- Dinh, N. Q., Daillier, P., & Pellet, A. (2003). *Direito Internacional Público* (2ª Edição).

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

European Commission. (2011). *European Economic Forecast*. Brussels.
<https://doi.org/10.2765/15525>

Evans, G., Sahnoun, M., Côté-Harper, G., Hamilton, L., Ignatieff, M., Lukin, V., ...
Thakur, R. (2001). *The Responsibility to Protect*. Ottawa.

Fânzeres, J. M. F. (2014). *Geopolítica e Geoestratégia da Federação Russa*. Lisboa:
Instituto de Defesa Nacional.

Figueiredo, J. G. (2012). *Dinâmicas da Política Externa Russa : as relações com a União
Europeia nos mandatos de Putin e Medvedev*. Universidade de Coimbra.

Fontes, J. (2009). *Teoria Geral do Estado e do Direito* (2ª Edição). Lisboa: Coimbra
Editora.

Freire, M. R. (2008). Contenção, Projecção e Envolvimento: a Política Externa Russa para
o Grande Médio Oriente. *Nação E Defesa*.

Grieve, P. (2006). *A Brief Guide to Islam*. New York: Carrol & Graf Publishers.

Guedes, A. M. (2014). Proxy Wars. In *Enciclopédia das Relações Internacionais* (pp. 457–
461). Lisboa: Dom Quixote.

House, T. W. (2013). *Remarks As Prepared for Delivery by National Security Advisor
Susan E. Rice*. Acedido a 26 de abril de 2018 em
[https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2013/09/09/remarks-prepared-
delivery-national-security-advisor-susan-e-rice](https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2013/09/09/remarks-prepared-delivery-national-security-advisor-susan-e-rice)

IAEM. (1982). *Origens e Evolução Histórica do Pensamento Geopolítico: Síntese
Histórica*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

IAEM. (1993). *Elementos de Análise Geopolítica e Geoestratégia*. Lisboa: Instituto de
Altos Estudos Militares.

IESM. (2014). *O Conflito da Síria: As dinâmicas de globalização, diplomacia e
segurança*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.

IPCE. (2012). *Estratégia - Evolução do Conceito* (Vol. XXI). Lisboa.

- Jiménez, M. P. G. (2016). *Métodos alternativos de resolução de conflitos*. Chile.
- Kalyvas, S. N. (2010). *La lógica de la violencia en la Guerra Civil*. Madrid: Akal.
- Laghman, S. (2012). *Legal Schools of Sunni Islam* (Volume 7). Revista Internacional de Pensamiento Político.
- Lara, A. de S. (2004). *Ciência Poética: Estudo da Ordem e da Subversão*. (ISCSP, Ed.). Lisboa.
- Mackinder, H. J. (1968). *The Geographical Pivot of History*. Lisboa: ISCSPU.
- Mearsheimer, J. J. (2001). *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W. W. Norton & Company.
- Moreira, A., & Ramalho, P. (2015). *Estratégia Vol.XXIV*. Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica.
- Nichols, T., & Schindler, J. R. (2013). *Obama Enabling Russia's Mideast Rise*. Acedido a 4 de abril de 2018 em <http://nationalinterest.org/commentary/obama-enabling-russias-mideast-rise-9128>
- Oliveira, U. R. R. de. (2016). *A Disputa entre a Rússia e a Ucrânia pela Região da Crimeia*. Academia Militar.
- Parra, R. R. (2015). *Análise da Crise na Síria: Implicações na Segurança Nacional de Espanha*. IESM.
- PDE 3-49-00. (2015). *Contra-insurgência*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional, Exército Português.
- Phillips, C. (2016). *The Battle For Syria: International Rivalry In The New Middle East*. New Haven: Yale University Press.
- Pifer, S. (2012). *The Future Course of the US-Russia Relationship*. House of Representatives Committestimony.
- Reis, J. N. dos. (2009). *O Impacto dos Conflitos Regionais nas Relações OTAN/EU-Rússia*. Instituto de Estudos Superiores Militares.
- River, C. (Ed.). (2018). *The Syrian Civil War: The History of the 21st Century's Deadliest*

Conflict.

Santos, J. A. L. dos. (1983). *Incursões no Dominio da Estratégia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Santos, J. A. L. dos. (2011). Notas sobre a Grande Estratégia dos Estados Unidos. *Nação E Defesa*.

Silva, T. A. (2016). *Islão e Fundamentalismo Islâmico: Das Origens ao Século XXI* (2ª Edição). Lisboa: Pactor.

Tabler, A. J. (2013). *Syria's Collapse and How Washington Can Stop It*. Acedido a 2 de março de 2018 em <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/syrias-collapse-and-how-washington-can-stop-it>

Teixeira, N. S., Fonseca, C., Vinha, L. da, Freire, M. R., & Mendes, P. E. (2017). *Relações Internacionais - Análise de Política Externa: tendências e dinâmicas*. Instituto Português de Relações Internacionais.

UNAMA. (2017). *Afghanistan Annual Report 2017: Protection of Civilians in Armed Conflict*. Acedido a 2 de maio de 2018 em http://www.ohchr.org/_layouts/15/WopiFrame.aspx?sourcedoc=/Documents/Countries/AF/ProtectionCiviliansAnnualRepots2017_Infographie.pdf&action=default&DefaultItemOpen=1

United Nations. (2013). *Report of the United Nations Mission to Investigate Allegations of the Use of Chemical Weapons in the Syrian Arab Republic on the alleged use of chemical weapons in the Ghouta area of Damascus on 21 August 2013* (Vol. 47614). Acedido a 24 de fevereiro de 2018 em http://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/s_2013_553.pdf

USA Government. (2017). *National Security Strategy of the United States of America*. Washington.

World Bank. (2011). *Syrian Arab Republic*.

Páginas da Internet

Actualitix (2016). *Síria – Estatísticas Segurança*. Acedido a 29 de fevereiro de 2018 em <https://pt.actualitix.com/pais/syr/estatistica-seguranca-siria.php>.

BBC News (2016). *Syria: The story of the conflict*. Acedido a 18 de abril de 2018 em <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-26116868>.

Central Intelligence Agency [CIA] (2018). *The World Factbook: Syria*. Acedido a 1 de março de 2018 em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>.

CNN (2011). *Miniser: Germany to go nuke free by 2022*. Acedido a 24 de abril de 2018 em <http://edition.cnn.com/2011/WORLD/europe/05/30/germany.nuclear.plants/index.html>.

Dantas, Gilson (2012). *O militarismo das grandes potências e a questão Síria*. Acedido a 30 de janeiro de 2018 em <http://www.palavraoperaria.org/O-militarismo-das-grandes-potencias-e-a-questao-siria>.

Denselow, James(2016). *Panama Papers: How the Seychelles saved Syria*. Acedido a 10 de abril de 2018 em <https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/04/seychelles-saved-syria-160407085452247.html>.

Dreamstime (s. d.). *Arab League*. Acedido a 10 de maio de 2018 em <https://www.dreamstime.com/stock-illustration-league-arab-states-arab-countries-flags-vector-illustration-member-set-country-international-regional-organization-image91739889>

Durães, Mariana (2016). *Síria: Um conflito à escala mundial*. Acedido a 25 de abril de 2018 em <https://www.juonline.pt/politica/artigo/15476/siria-um-conflito-escala-mundial.aspx>.

França, Ana (2018). *Expresso: Especial Síria*. Acedido a 7 de março de 2018 em <http://leitor.expresso.pt/#library/expressodiario/01-03-2018/caderno-1/temas-principais/e-preciso-que-a-opiniao-publica-exija-aco-es-imediatas-e-especificas-temos-que-pressionar-por-um-cessar-fogo-imediato>.

- Graphic News (2013). *Armed opposition groups*. Acedido a 17 de fevereiro de 2018 em <https://www.graphicnews.com/en/pages/30647/SYRIA-Armed-opposition-groups?var=d>.
- Harmer, C. (2012). *Russian Naval Base Tartus: Backgrounder*. Acedido a 17 de fevereiro de 2018 em: https://www.understandingwar.org/sites/default/files/Backgrounder_Russian_Naval_BaseTartus.pdf.
- Kelley, Michael (2013). *The madness of the Syria proxy war in one chart*. Acedido a 21 de abril de 2018 em <https://www.businessinsider.com.au/who-is-involved-in-the-war-in-syria-2013-10>.
- On The World Map (s.d.) Syria ethnoreligious map. Acedido a 2 de abril de 2018 em <http://ontheworldmap.com/syria/syria-ethnoreligious-map.html>.
- Opinião & Notícia (2015). *Isis controla toda a fronteira sírio-iraquiana*. Acedido a 13 de fevereiro de 2018 em <http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/isis-controla-toda-a-fronteira-sirio-iraquiana/>.
- Rosendo, J. M. (2015). *Estados Unidos e Rússia preparam retirada de Bashar al Assad para uma nova Síria*. Acedido a 13 de fevereiro de 2018 em <https://www.esquerda.net/artigo/estados-unidos-e-russia-preparam-retirada-de-bashar-al-assad-para-uma-nova-siria/38910>.
- Russian Federation (2016). *Foreign Policy Concept of the Russian Federation (approved by President of the Russian Federation Vladimir Putin on November 30, 2016)*. Acedido a 24 de abril de 2018 em http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents//asset_publisher/CptICk6B Z29/content/id/2542248.
- Sanger, D. E., Schmitt, E. (2012). *Pentagon says 75 000 troops might be needed to seize Syria chemical arms*. Acedido a 20 de março de 2018 em https://www.nytimes.com/2012/11/16/world/middleeast/pentagon-sees-seizing-syria-chemical-arms-as-vast-task.html?pagewanted=all&_r=1.
- Sequeira, J. M. D. (2014). *Revista Militar: As teorias geopolíticas e Portugal*. Acedido a 6 de março de 2018 em <https://www.revistamilitar.pt/artigo/914>.

Sputniknews (2017). *Opinião: Cooperação entre Rússia e EUA é essencial para estabilidade do Oriente Médio*. Acedido a 29 de abril de 2018 em https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/2017121410077156-cooperacao-russia-eua-oriente-medio/.

Syrian Center for Policy Research (2015). *SCPR Alienation and Violence Repor 2014*. Acedido a 16 de março de 2018 em <http://scpr-syria.org/publications/policy-reports/scpr-alienation-and-violence-report-2014-2/>.

The Economist (2015). *Syria's drained population*. Acedido a 28 de março de 2018 em <https://www.economist.com/graphic-detail/2015/09/30/syrias-drained-population>.

The World Bank (2016). *Syria's Economic Outlook – Spring 2016*. Acedido a 2 de maio de 2018 em <http://www.worldbank.org/en/country/syria/publication/economic-outlook-spring-2016>

APÊNDICES

Apêndice A – Estruturação e enquadramento da investigação

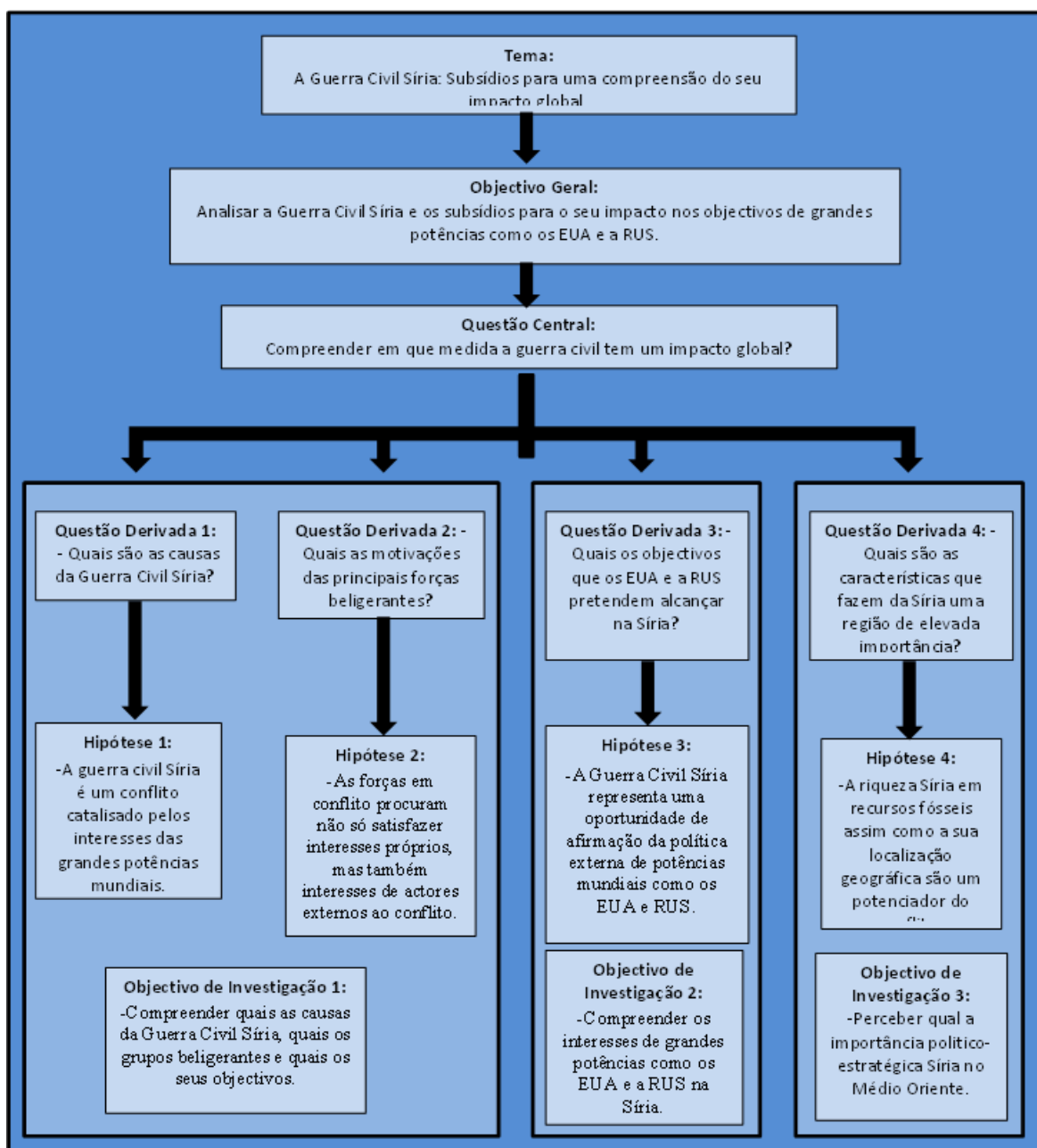


Figura 1: Estrutura da Problemática de investigação.

Fonte: Autor.

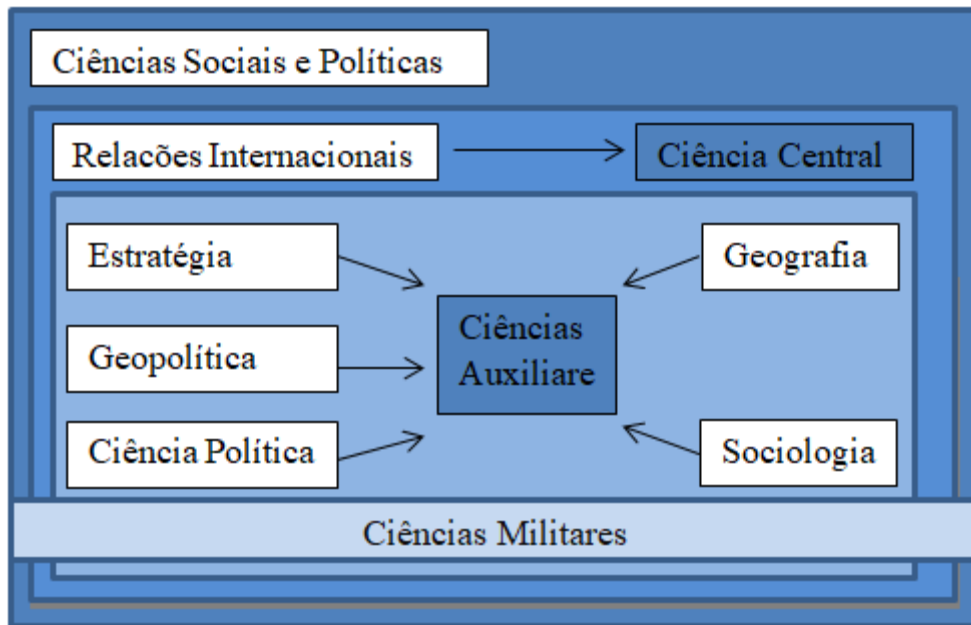


Figura 2: Enquadramento das Ciências Central e auxiliares.

Fonte: Autor.

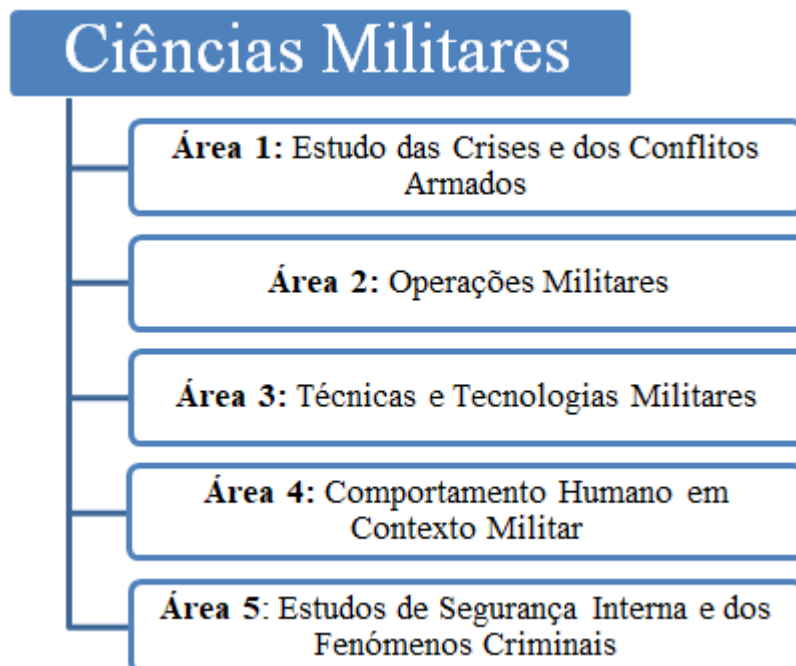


Figura 3: Áreas científicas do domínio “nuclear” das Ciências Militares .

Fonte: Adaptado de Decreto-Lei nº249/2015-Artigo 5º.

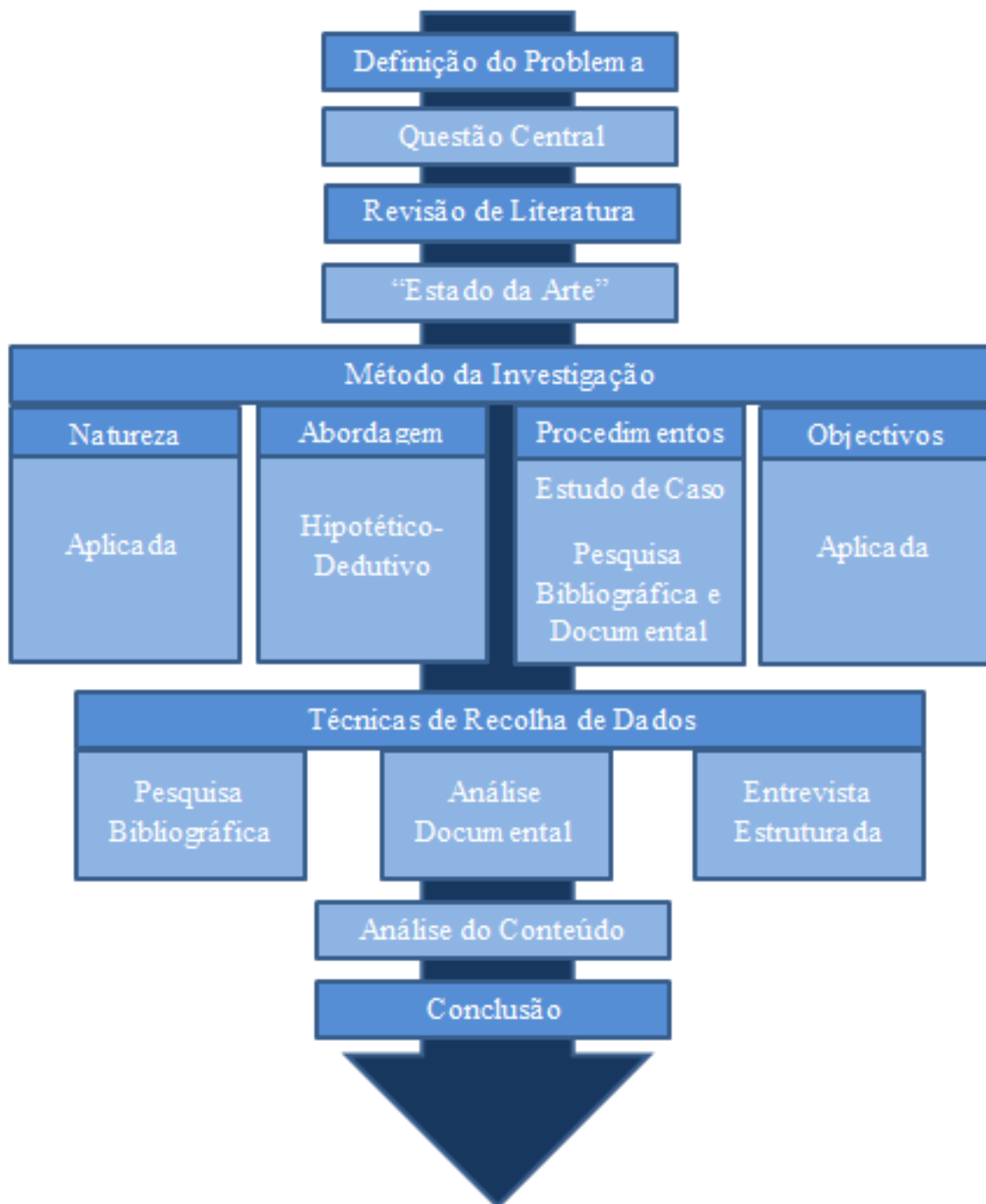


Figura 4: Desenho da estrutura de Investigação.

Fonte: Adaptado (Oliveira, 2016).

Apêndice B – Localização do Estado Sírio

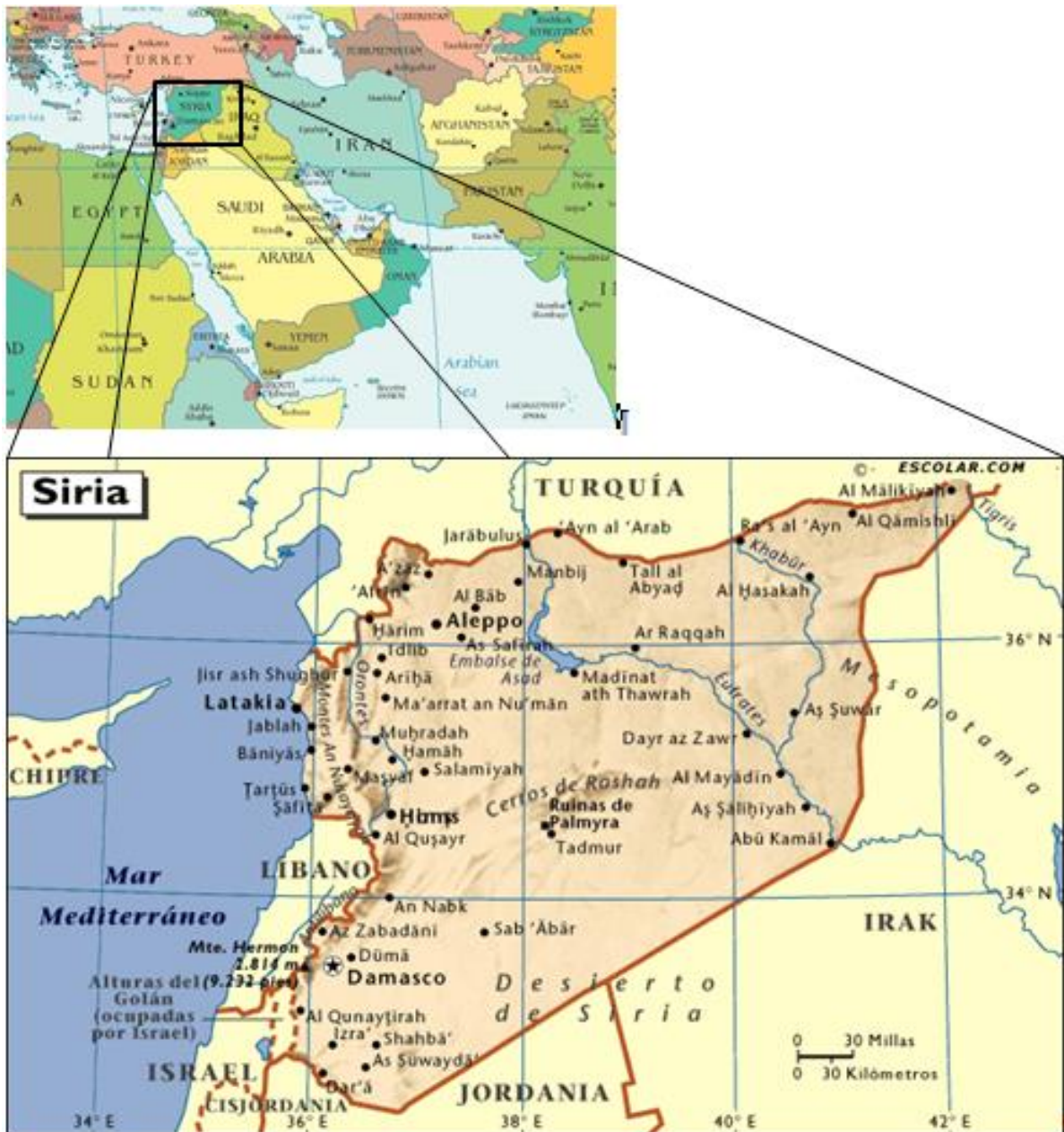


Figura 5: Mapa da Localização Síria.

Fonte: <http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/isis-controla-toda-a-fronteira-sirio-iraquiana/>, <https://www.esquerda.net/artigo/estados-unidos-e-russia-preparam-retirada-de-bashar-al-assad-para-uma-nova-siria/38910>, acedidos a 13 de fevereiro de 2018.

ANEXOS

Anexo A – Mapas da localização geográfica e geoestrategica Síria



Figura 6: Localização do porto de Tartus.

Fonte: <http://www.palavraoperaria.org/O-militarismo-das-grandes-potencias-e-a-questao-siria>, acessado a 30 de Janeiro de 2018.

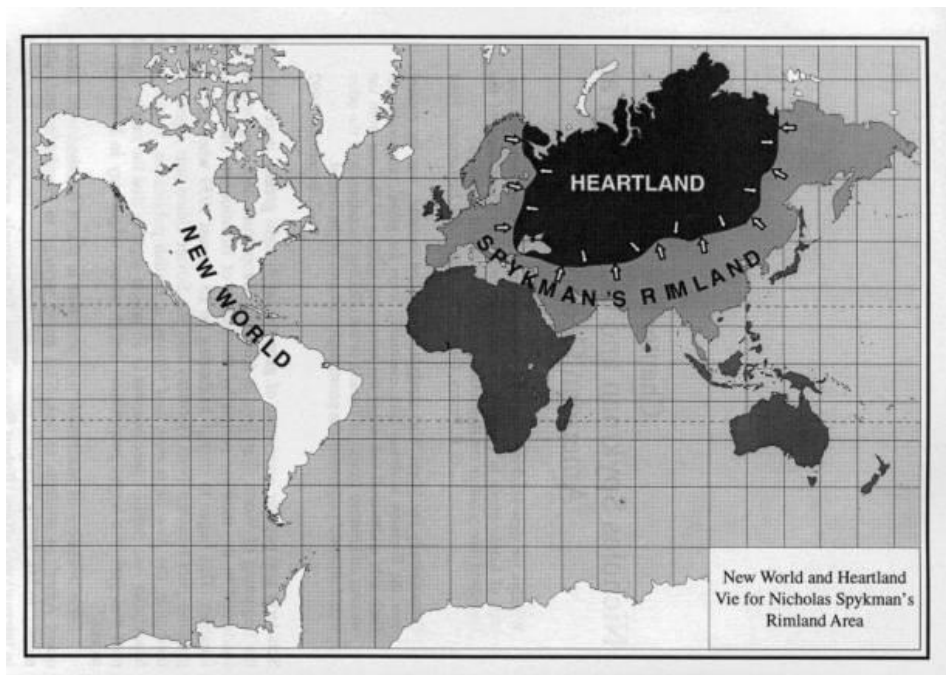


Figura 7: Divisão do Mundo segundo Nicholas Spykman.

Fonte: Polelle, Raising Cartographic Consciousness, 118.

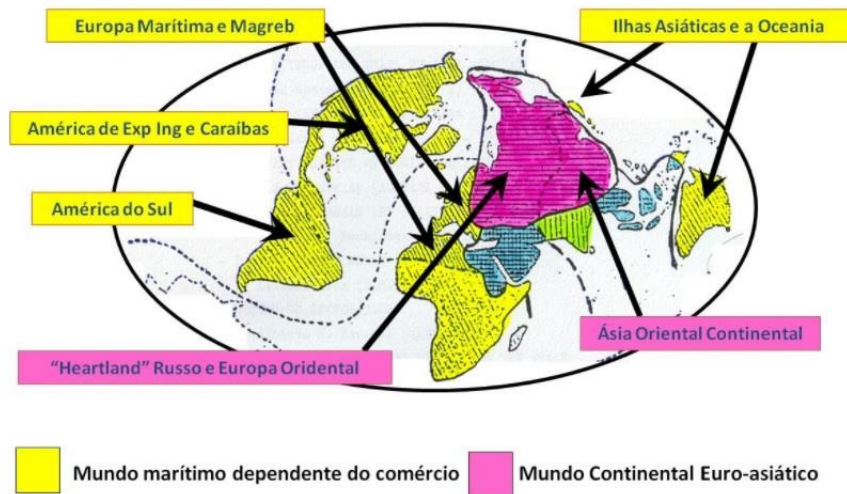


Figura 8: As Regiões Geoestratégicas e Geopolíticas, de Saul B. Cohen.

Fonte: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/914>, acessido a 6 de março de 2018.

Anexo B – Forças beligerantes e respectivos apoios

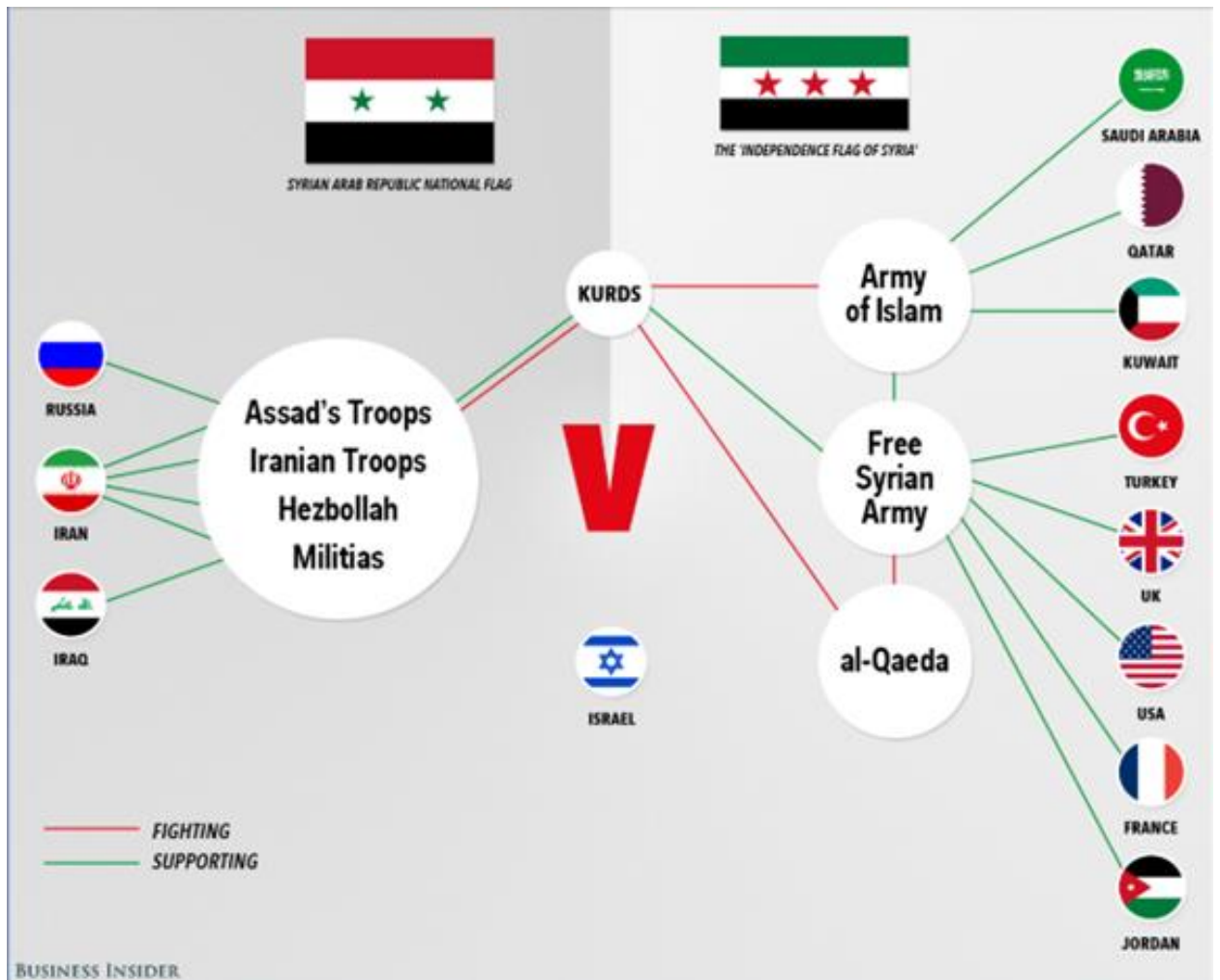


Figura 9: Forças em confronto e respectivos apoios.

Fonte: Business Insider, <https://www.businessinsider.com.au/who-is-involved-in-the-war-in-syria-2013-10>, acessado a 21 de abril de 2018.



Figura 10: Oposição ao regime de Assad.

Fonte: <https://www.juonline.pt/politica/artigo/15476/siria-um-conflito-escala-mundial.aspx>, acessido a 10 de março de 2018.



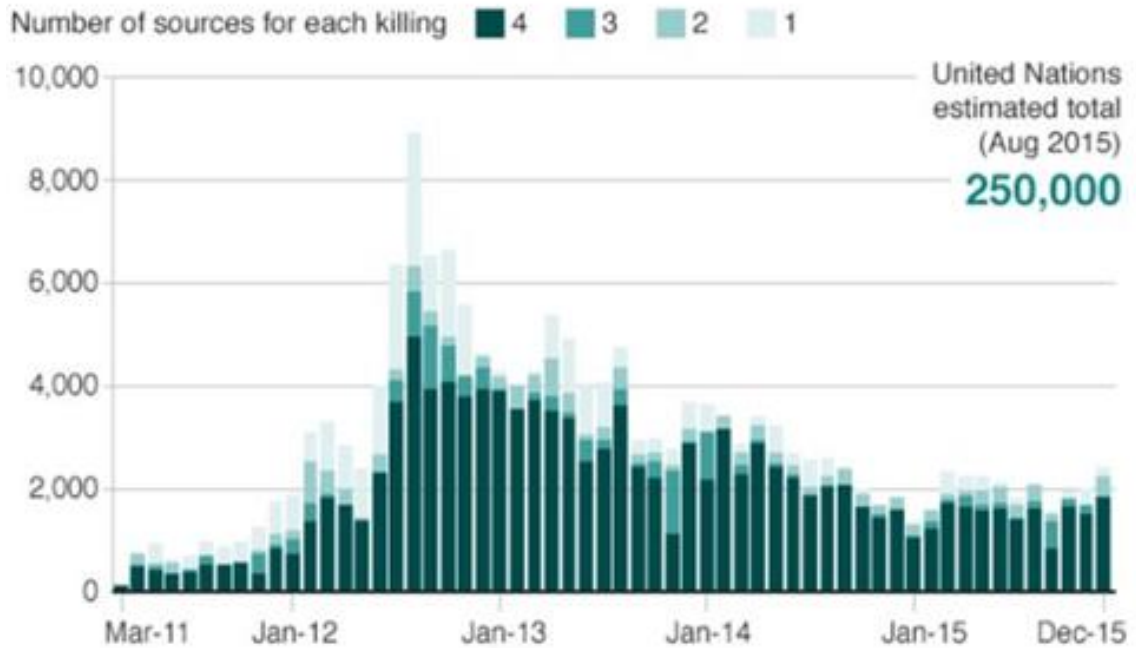
Figura 11: Apoio ao regime de Assad.

Fonte: <https://www.juonline.pt/politica/artigo/15476/siria-um-conflito-escala-mundial.aspx>, acessido a 10 de março de 2018.

Anexo C – Mortos e refugiados do conflito sírio

Syria conflict death toll

Documented killings per month



Sources: Violations Documentation Center, Syrian Shuhada, Syrian Network for Human Rights, Syrian Center for Statistics and Research

Figura 12: Número de mortos desde março de 2011 a dezembro de 2015.

Fonte: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-26116868>, acessado a 18 de abril de 2018.

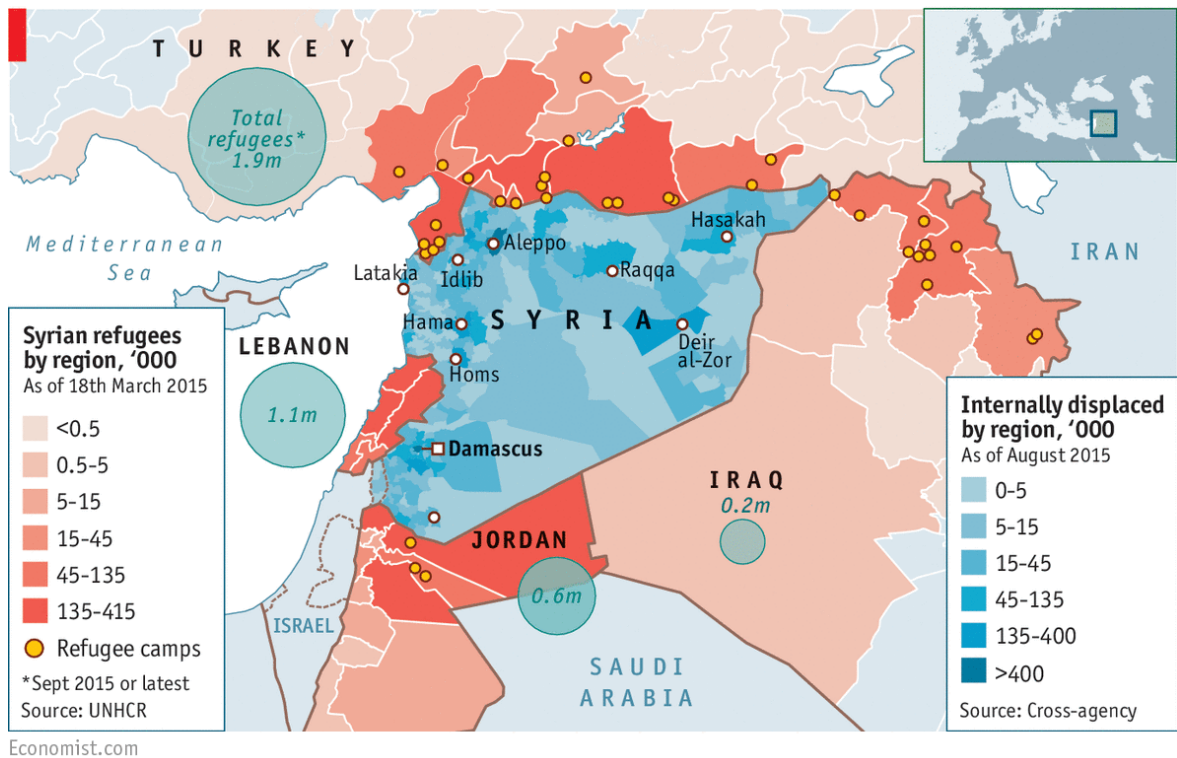


Figura 13: Distribuição dos refugiados e deslocados do conflito Sírio.

Fonte: The Economist, <https://www.economist.com/graphic-detail/2015/09/30/syrias-drained-population>, acessado a 28 de março de 2018.

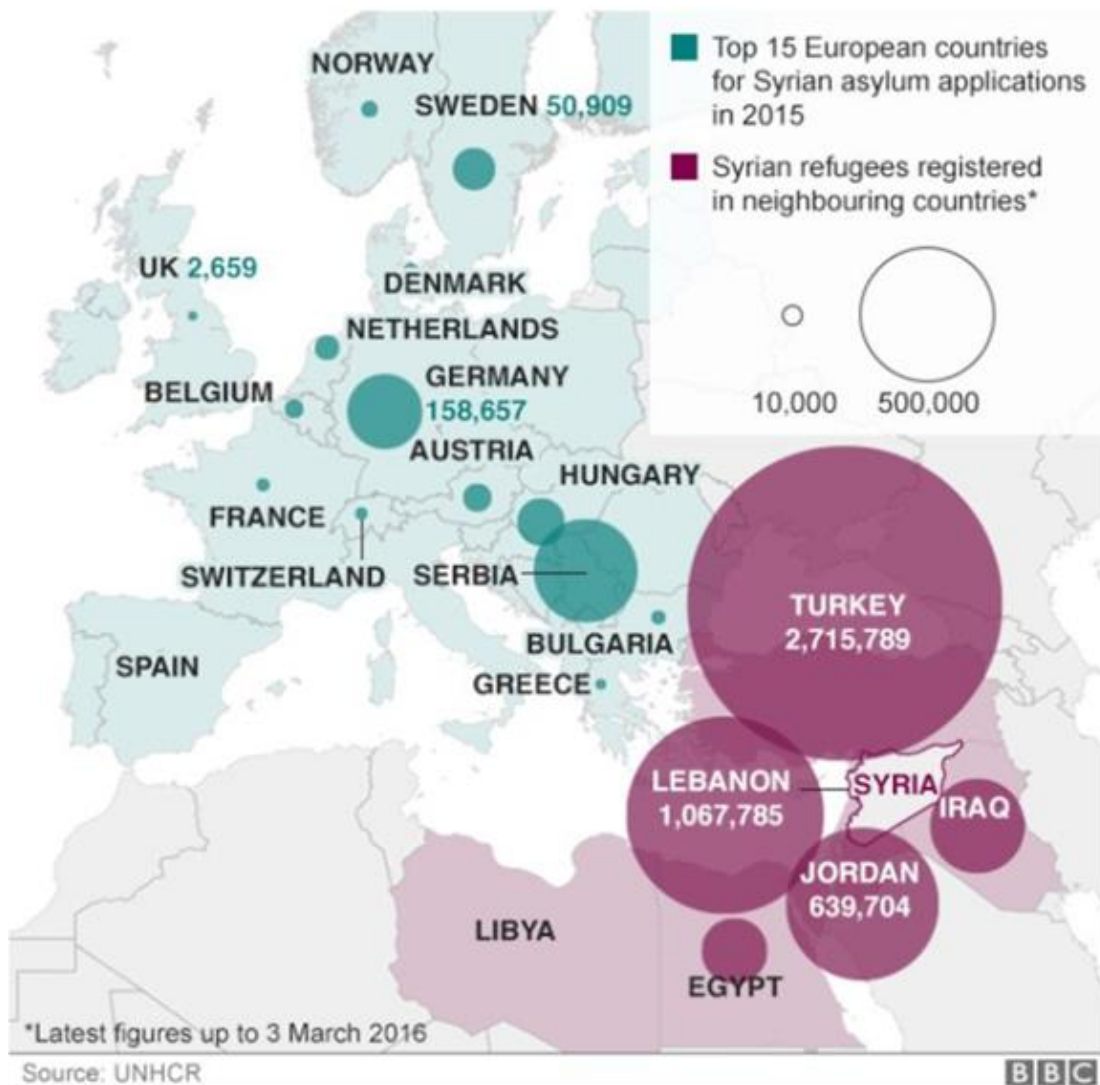


Figura 14: Distribuição dos refugiados sírios.

Fonte: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-26116868>, acessido a 18 de abril de 2018.

Anexo D – Distribuição populacional Síria

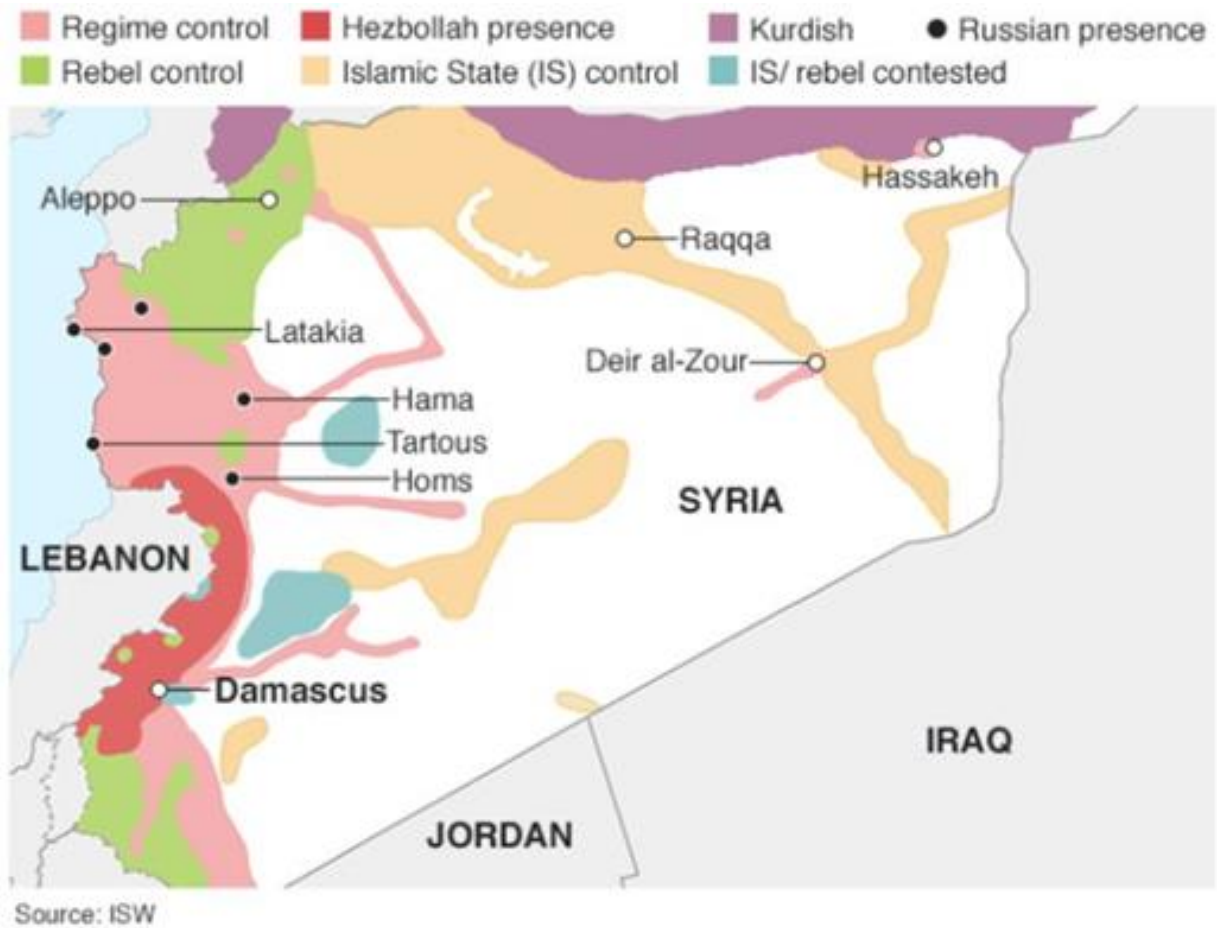


Figura 15: Áreas do território sírio sob o controlo dos variados actores.

Fonte: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-26116868>, acessado a 18 de abril de 2018.

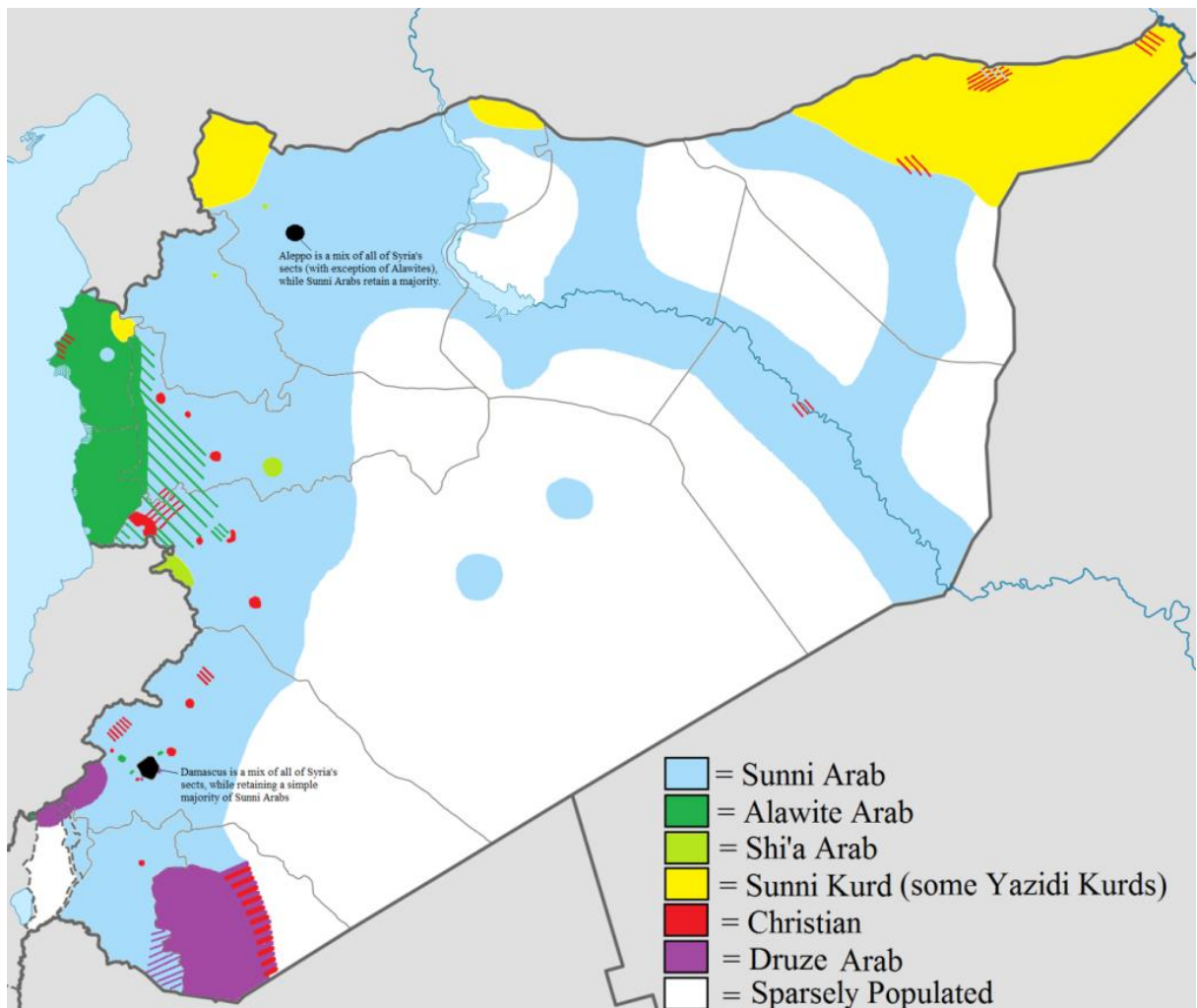


Figura 16: Distribuição étnica e religiosa da população síria.

Fonte: <http://ontheworldmap.com/syria/syria-ethnoreligious-map.html>, acessado a 2 de abril de 2018.

Anexo E – Membros da Liga Árabe

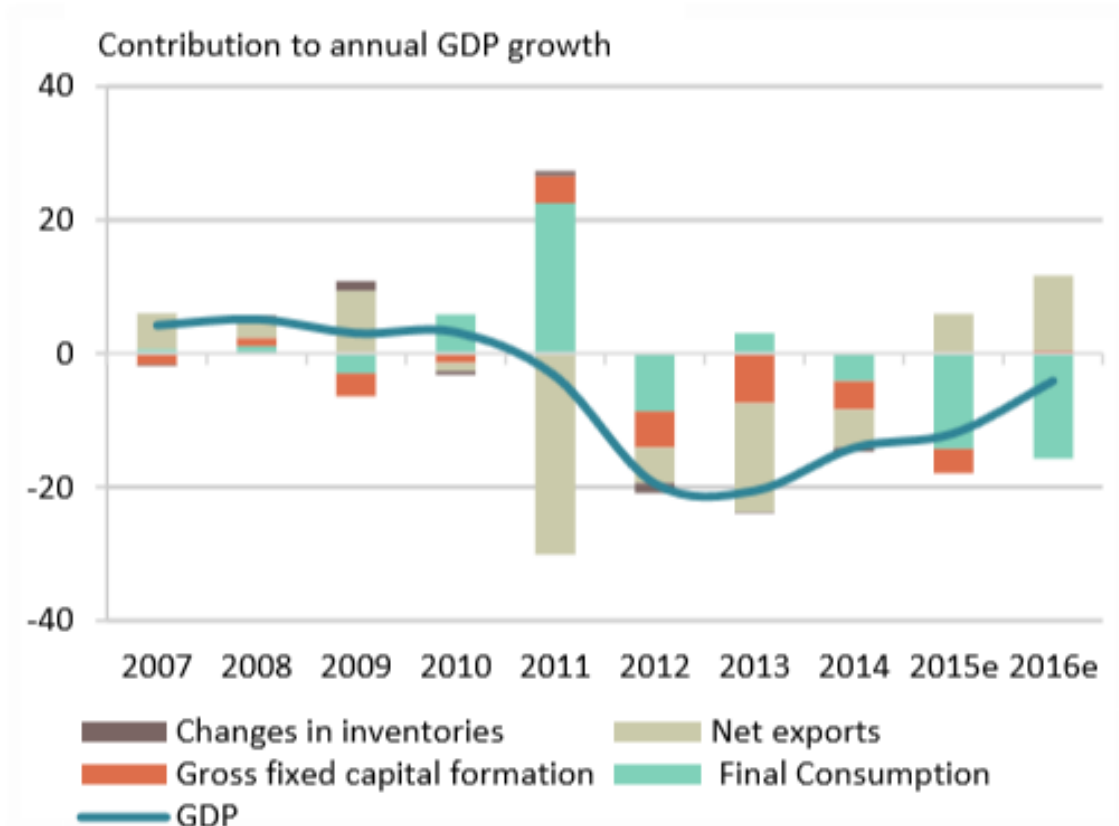


Figura 17: Estados membros da Liga Árabe.

Fonte: <https://www.dreamstime.com/stock-illustration-league-arab-states-arab-countries-flags-vector-illustration-member-set-country-international-regional-organization-image91739889>, acessado a 10 de maio de 2018.

Anexo F – Variações do PIB sírio

FIGURE 1 Syrian Arab Republic / Contribution to annual GDP growth

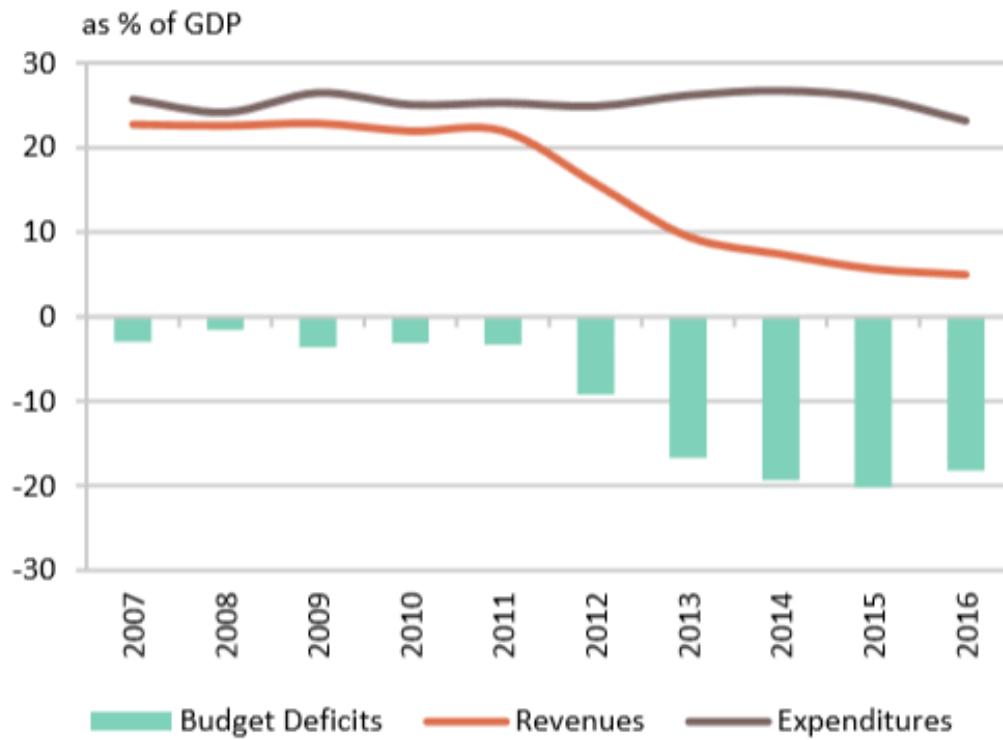


Sources: World Bank estimates.

Figura 18: Variações anuais do PIB (2007-2016).

Fonte: World Bank estimates

FIGURE 2 Syrian Arab Republic / Budget deficits accelerated due to the conflict



Sources: World Bank estimates.

Figura 19: Crescimento do déficit orçamental devido ao conflito.

Fonte: World Bank estimates